



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA.**

**ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO PROCESSO DE ELISÃO DA VOGAL /A/ NO
DIALETO PESSOENSE**

RAFAELA VELOSO MACHADO

**JOÃO PESSOA
2008**



RAFAELA VELOSO MACHADO

**ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DO PROCESSO DE ELISÃO DA VOGAL /A/ NO
DIALETO PESSOENESE**

**Dissertação de Mestrado apresentada à
Coordenação do Programa de Pós-
Graduação em Lingüística, da Universidade
Federal da Paraíba, em cumprimento às
exigências para obtenção do Grau de Mestre
em Lingüística.**

Orientador: Dr. Dermeval da Hora

**JOÃO PESSOA
2008**

M149a Machado, Rafaela Veloso.

Análise sociolingüística do processo de elisão da vogal A no dialeto pessoense /
Rafaela Veloso Machado. -- João Pessoa: [s.n], 2008.
73 f.: il.

Orientador: Dermeval da Hora.
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA.

1. Lingüística aplicada. 2. Sociolingüística. 3. Variação lingüística. 4. Elisão -
Vogal A.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

RAFAELA VELOSO MACHADO

**ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO PROCESSO DE ELISÃO DA VOGAL /A/ NO
DIALETO PESSOENESE**

Banca Examinadora



Prof. Dr. Dermeval da Hora
(Orientador)

Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena
(Membro)

Prof. Dra. Maria Elizabeth Affonso Christiano
(Membro)

**JOÃO PESSOA
2008**

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela proteção, pela generosidade e pelo direcionar sábio das coisas que me cercam.

A minha família, pelo amor, pelo apoio e por ser o alicerce de tudo.

A Dermeval da Hora, Rubens Lucena, Gregory Guy, Stella Telles e Juliene Pedrosa, pela ajuda, atenção e orientações valiosas.

A Marcela Reis, Carolina Albuquerque, Moama Marques, Pedro Rossi, Luyse Costa, Leilah Carvalho, Bárbara Malafaia, André Pedro e Adryana Araújo, meus queridos, pelo companheirismo, força e incentivo, pelo carinho, sorrisos e choros compartilhados, que transformaram esse processo em algo mais simples e prazeroso.

E a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho analisa o comportamento sociolingüístico da elisão no dialeto pessoense. A elisão é um dos fenômenos de sândi vocálico externo observado nas línguas e consiste no apagamento da vogal baixa /a/ quando esta for seguida de uma vogal diferente (ex.: **menina humilde**> **meninumilde**). A análise deste processo está fundamentada no modelo teórico-metodológico que compreende a Sociolingüística Quantitativa. Para a realização da pesquisa, foi utilizado um *corpus* de língua falada, que integra o Projeto de Variação Lingüística do Estado da Paraíba (VALPB), composto por dezoito informantes, estratificados de acordo com o sexo (masculino e feminino), a faixa etária (jovens, adultos e idosos) e anos de escolarização (nenhum ano, cinco a oito anos e mais de onze anos). Os resultados obtidos mostram que as restrições lingüísticas – extensão da primeira palavra da seqüência, acento, tipo de palavra, constituintes prosódicos e qualidade da vogal – apresentam-se como as mais relevantes à aplicação da elisão, revelando-se, portanto, como um processo sem grandes determinantes sociais.

Palavras-chave: elisão. variável. acento. extensão da palavra. fatores lingüísticos. fatores sociais.

ABSTRACT

This current work investigates the elision's sociolinguistic behavior upon the João Pessoa native dialect. Elision is one of sandhi's extern vocalic phenomenon observed through all languages and it means fading the low vowel /a/ when it is followed by a different vowel. (ex.: menina **h**umilde> menin**u**milde). This process analyses is through the theoretical-methodological scope that the Quantitative Sociolinguistics comprehends. On the construction of this work it has been used a corpus of spoken language that integrates the Projeto de Variação Lingüística do Estado da Paraíba – VALPB (Linguistic Variation Project of Paraíba State), composed by eighteen informers, divided by sex (masculine and feminine), age range (teenagers, adults, elders) and academic time spent (none, five to eight years and more than eleven years). The results found show that the linguistic constraints – size of the first word from a sentence, stress, prosodic constituents, vowel's quality – present themselves as the most relevant on the elision appliance, therefore, reveling themselves as a process without great social determinants.

Key words: elision. variable. stress. word's size. linguistic factors. social factors

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	7
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 ESTUDOS PRÉ-VARIACIONITAS.....	11
2.2 A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA.....	15
3 SÂNDI VOCÁLICO EXTERNO.....	19
3.1 A ELISÃO.....	23
3.2 ABORDAGENS SOBRE O TEMA.....	25
4 DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS.....	28
4.1 VARIÁVEL DEPENDENTE.....	28
4.2 VARIÁVEIS INDEPENDENTES.....	29
4.2.1 Variáveis extralingüísticas	30
4.2.1.1 Sexo.....	30
4.2.1.2 Anos de escolarização.....	32
4.2.1.3 Faixa Etária.....	33
4.2.2 Variáveis lingüísticas.....	34
4.2.2.1 Acento.....	35
4.2.2.2 Constituintes prosódicos.....	37
4.2.2.3 Qualidade da vogal.....	38
4.2.2.4 Extensão da primeira palavra.....	40
4.2.2.5 Extensão da segunda palavra.....	41
4.2.2.6 Tipo de palavra.....	42
5 METODOLOGIA.....	45
6 RESULTADOS.....	48
7 CONFRONTO COM A PESQUISA DE BISOL.....	59
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS.....	69

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A noção de que uma língua muda é inquestionável. Basta uma simples comparação do modo como se fala hoje em dia em relação ao de algum tempo atrás, para que se verifiquem as diferenças que perpassam desde o vocabulário e o estilo, até as próprias formas lingüísticas. Isto porque a humanidade também muda ao longo dos séculos. As necessidades, comportamentos e relações entre os indivíduos estão em constante processo de transformação, determinado pela evolução no tempo e pelas experiências vividas.

Nesse contexto, torna-se indiscutível a ligação entre linguagem e sociedade. Toda língua é o produto da comunidade de fala a que corresponde, ou seja, a língua é decorrente do uso que uma determinada sociedade faz dela. Assim, compreende-se que uma língua não é propriedade de um indivíduo, mas constitui um fenômeno social e cultural e, como tal, é um fenômeno dinâmico, não estático, variável, que evolui com o passar do tempo.

Da diversidade humana advém a diversidade lingüística, ou seja, uma língua é reflexo dos seus falantes. Isto quer dizer que língua e sociedade determinam-se e se constroem fundamentadas na relação que existe entre elas, ou seja, do contato lingüístico caracteriza-se a estruturação e formação de uma sociedade e esta se particulariza, entre outras coisas, pela sua língua.

Fundamentado nesse pensamento, William Labov, na década de sessenta do século passado, instituiu a Sociolingüística Quantitativa como um modelo teórico-metodológico que admite essa interação entre língua e sociedade e concebe a variação como parte integrante do sistema lingüístico, passível de ser sistematizada.

Nesse sentido, tem-se o conceito de língua adotado nesta pesquisa. Baseando-se na noção de que as línguas são realidades essencialmente variáveis e que as formas de variação são determinadas por fatores de ordem lingüística e social, pretende-se estudar o processo de *elisão* no dialeto pessoense.

A elisão é o nome dado para um dos possíveis processos de sândi vocálico externo. O sândi é um fenômeno de fonética sintática em que um segmento inicial e/ou final de palavra é afetado pelo contexto em que se encontra, podendo apresentar diferentes realizações dependendo das características do som que antecede ou segue uma fronteira de palavra. O sândi pode ser externo, quando resulta da justaposição de palavras, ou interno, quando se dá a junção de morfemas.

Bisol (1994) aponta três fenômenos de sândi vocálico externo: a elisão, a degeminação e a ditongação. A *elisão* é um processo que consiste no apagamento da vogal baixa /a/ quando esta for seguida de uma vogal diferente (ex.: menina **humilde**> **meninumilde**); a *degeminação* diz respeito à fusão de duas vogais idênticas (ex.: menina **amada**> **meninamada**) e a *ditongação* refere-se à formação de ditongos quando uma das vogais da seqüência for alta (menino **alegre**> **meninwalegre**).

Mesmo se tratando de processos que têm o mesmo contexto de aplicação (o encontro de vogais em junção de palavras), o sândi externo constitui três fenômenos variáveis distintos. Sendo assim determinou-se, para melhor efeito de análise, considerando a organização teórico-metodológica da teoria aplicada, que esse estudo se debruçaria, essencialmente, sobre o processo de elisão.

Essa pesquisa leva em conta os trabalhos de cunho variacionista realizados por Bisol (1992; 1994; 2000a; 2002), que investigou como se comportavam os processos de sândi vocálico nas regiões sudeste e sul do Brasil, utilizando dados dos *corpora* dos projetos VARSUL (Variação Lingüística Urbana no Sul do País) e NURC (Norma Urbana Culta).

A autora supracitada demonstrou em suas análises que tais processos eram recorrentes nos dialetos estudados. Sendo assim, neste trabalho tem-se, como hipótese inicial, que o processo de elisão também apresenta evidências no falar pessoense.

Dessa forma, percebendo a relevância dos estudos sociolingüísticos no português do Brasil que abordam a língua na sua realidade concreta, e considerando a sua coerência no tratamento dos fatos lingüísticos variáveis, compreendeu-se a necessidade de se realizar uma pesquisa que desenvolvesse uma investigação pioneira do processo de elisão na comunidade lingüística de João Pessoa, na Paraíba. Este trabalho justifica-se, então, como uma contribuição para o entendimento da língua em funcionamento, bem como para a ampliação das análises sociolingüísticas em geral.

Assim, apoiando-se no modelo teórico-metodológico da Sociolingüística Quantitativa pretende-se, neste trabalho, traçar o perfil lingüístico do falante pessoense em relação ao fenômeno da elisão, considerando os fatores sociais (externos) e estruturais (internos) intervenientes na realização do processo.

Para tanto, os dados coletados para a realização desta pesquisa fazem parte do *corpus* do Projeto VALPB (HORA; PEDROSA, 2001) e é constituído por dezoito informantes, oriundos da comunidade de João Pessoa/PB, estratificados segundo o sexo, a faixa etária e a escolaridade.

Com o intuito de desenvolver as idéias que norteiam este trabalho, o texto está estruturado como se segue.

No segundo capítulo serão abordados os pressupostos teóricos que orientam este trabalho. Neste sentido, será apresentada uma breve discussão acerca da Lingüística, seu(s) objeto(s) de estudo, seus objetivos e suas perspectivas de análise. Serão referidas várias correntes teóricas, de forma sucinta, que se debruçaram sobre os estudos da língua(gem) até a constituição da Sociolingüística, que é a fundamentação teórica deste trabalho. A Teoria da Variação será enfocada mais especificamente, no que se refere à explicitação do modelo teórico, seus principais conceitos e métodos de análise.

No terceiro capítulo, será apresentado, descritivamente, o objeto de estudo desta pesquisa. Será explicado como se dá a realização do sândi considerando os elementos estruturais que se correlacionam ao processo, tais como o contexto de aplicação e a estrutura silábica, bem como os processos desencadeados e os princípios aplicados para a realização da elisão. Também serão mencionadas, neste capítulo, algumas pesquisas já realizadas que investigaram o processo de elisão.

No quarto capítulo serão apresentados e descritos os fatores lingüísticos (estruturais) e extralingüísticos (sociais) relacionados ao processo, que se configuram como as variáveis independentes, segundo a Teoria Sociolingüística, e atuam conjuntamente sobre os usos lingüísticos, determinando a inibição ou a aplicação da elisão aqui estudada. Este capítulo traz também as hipóteses que foram levantadas, com base nas variáveis independentes, outrora descritas, e na literatura específica, orientando a investigação do trabalho, que advém da observação de quais os fatores (estruturais e/ou sociais) podem estar controlando a realização do processo.

No quinto capítulo, explicitar-se-á a metodologia utilizada para desenvolver a pesquisa. Será descrito o método empregado para a obtenção dos dados e o critério para a realização das entrevistas, como também, será apresentando o *corpus* delimitado para a análise e a caracterização dos informantes selecionados. Este capítulo também menciona o tipo de programa computacional do qual se valeu a pesquisa para obter os números relativos ao fenômeno em questão.

No sexto capítulo serão expostos os resultados da pesquisa, acompanhados da análise e discussão dos mesmos, considerando os fatores mais relevantes à aplicação da elisão. Os fatores selecionados pela análise computacional empregada, estarão dispostos na ordem de relevância fornecida pelo programa VARBRUL.

O sétimo capítulo se debruça em uma comparação entre os resultados obtidos neste trabalho com a análise desenvolvida por Bisol (1992; 1994; 2000a; 2002), no sul do país, enfocando as semelhanças e as diferenças encontradas entre os dois dialetos estudados.

O trabalho será encerrado com as considerações finais pertinentes à análise realizada, ressaltando o comportamento da elisão no dialeto pessoense e a teoria que deu suporte à pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estudo da linguagem advém dos mais remotos tempos. Provavelmente, desde a invenção da escrita, as pessoas se voltam ao estudo da língua, nas suas mais diversas abordagens, ora convergindo, ora divergindo, mas, sobretudo, contribuindo para o estabelecimento do papel da Lingüística, no estudo das ciências humanas.

Até o surgimento da Sociolingüística – a base teórica deste trabalho – muitas outras teorias se devolveram e lançaram as bases teóricas que proporcionaram as sucessivas reflexões acerca da língua, com seus contrapontos e/ou contribuições.

Neste capítulo, portanto, serão mencionados os principais pensamentos construídos sobre a linguagem, ao longo do tempo, concentrando-se, especialmente, na Teoria da Variação, que é considerado o modelo teórico mais coerente ao objetivo proposto para esta pesquisa.

2.1 ESTUDOS PRÉ-VARIACIONISTAS

A história da Lingüística ocidental identifica-se, primeiramente, com os estudos desenvolvidos na Grécia Antiga. A investigação da linguagem era tida como um ramo da filosofia e desenvolveu-se intrincada com os estudos da lógica. Nos estudos dos fatos da língua, procurava-se entender se a lingua(gem) representava uma fonte de conhecimento e, portanto, tinha vínculo direto com a realidade ou se ela era um simples meio de comunicação e dessa forma, não passava de arbitrariedade. Tal reflexão é encontrada no célebre diálogo de Platão, o *Crátilo* (WEEDWOOD, 2006).

Reconhece-se, nesses estudos, uma ênfase na questão semântica do enunciado. O estabelecimento das partes gramaticais do discurso visava, sobretudo, o entendimento dos aspectos significativos da linguagem. Essa classificação das classes de palavras, no entanto, é a que até hoje opera nos estudos gramaticais modernos.

Como aconteceu com a maioria dos setores da vida intelectual de Roma, na investigação da linguagem os romanos também se limitaram a assimilar a tradição grega. Os conhecimentos adquiridos com os estudos gregos sobre os fatos gramaticais foram

amplamente tratados, especialmente porque a educação latina, na época do império, era destinada à formação de oradores, daí a sua preocupação com a estrutura da língua.

Também na Idade Média, o quadro gramatical delineado na Antiguidade não conheceu alterações significativas. O grande objetivo, nessa época, era disseminar a língua latina, através das gramáticas sistemáticas baseadas na forma da língua e não mais, essencialmente, na semântica (WEEDWOOD, 2006).

Os estudos renascentistas, no séc. XVI, caracterizaram-se por uma divisão entre os estudos particulares da língua – que se detinham nos fenômenos físicos que diferenciam as línguas – e os estudos universais – que se concentravam nos princípios subjacentes à linguagem como um todo (uma ‘releitura’ das idéias medievais contidas na dicotomia *grammatica speculativa* e *grammatica positiva*). Nesse contexto, desenvolveu-se o interesse pelos idiomas modernos, com as suas literaturas expressivas que emergiam na época e, conseqüentemente, despertou-se à atenção para os novos falares descobertos.

A partir do final do século XVIII, começou a imperar nos estudos linguísticos o método comparativo de investigação das línguas. A grande contribuição desses estudos foi o reconhecimento de que as línguas eram realidades históricas e mudavam ao longo do tempo.

O marco inicial dos estudos históricos se deu a partir de 1786, quando William Jones entrou em contato com o sânscrito e percebeu semelhanças dessa língua com o grego e o latim, adotando a idéia de que essas línguas podiam ter uma origem comum. A partir disso, foi desencadeado na Europa um movimento de estudos comparativos e históricos. Acreditava-se que seria possível, através da comparação entre as línguas, chegar à “língua-mãe”, ou seja, desejava-se estabelecer uma “protolíngua”, que seria a origem de todas as outras (FARACO, 2004).

Como afirma Lucena (2001, p. 16), “a grande contribuição das gramáticas comparadas foi evidenciar que as mudanças são regulares, têm uma direção, não são caóticas como se pensava até o século anterior”.

Na metade do século XIX, os trabalhos importantes e extensos de Schleicher foram reconhecidos pelos estudos históricos. Esse lingüista tinha uma concepção naturalista da língua. Ele concebia a língua como um organismo vivo, com existência própria independente de seus falantes, realizada por força de princípios invariáveis (FARACO, op. cit.).

O final do século XIX ficou caracterizado pelos estudos neogramáticos e sua teoria da mudança lingüística. Os neogramáticos se contrapuseram à noção naturalista da língua e passaram a introduzir uma orientação psicológica subjetivista na interpretação dos fenômenos de mudança.

Os neogramáticos se propuseram a investigar e entender as mudanças que ocorreram nas línguas em seu percurso histórico. Estabeleceram, para isso, dois princípios fundamentais: as leis fonéticas e a analogia. Segundo o princípio das leis fonéticas, as mudanças sonoras se davam num processo de regularidade absoluta, sem exceções; estas eram explicadas pelo princípio da analogia, que via as mudanças como uma interferência de outra língua ou sistema. Como se vê, a explicação para a mudança lingüística era interna ao sistema e não se levava em consideração a relação língua-sociedade.

Ao estabelecer como objeto de estudo a língua individual, ou idioleto, os neogramáticos (representados aqui pelas idéias de Hermann Paul, seu principal divulgador) admitiam que mudança lingüística se dava no interior do idioleto, seja por processos espontâneos, seja por adoção seletiva pelo indivíduo de traços do idioleto de seus interlocutores. É sobre essa concepção de mudança que reside as principais críticas elaboradas pelo modelo sociolingüístico, proposto por Weinreich, Labov e Herzog, que será exposto mais adiante.

Vale salientar o papel importante desempenhado pelo lingüista Schuchardt (Cf. FARACO, 2005), que, apesar de ter uma concepção subjetivista da língua, considerando o falante individual em suas análises, se opôs ao modelo neogramático, principalmente no que concerne às leis fonéticas, referindo-se ao fato da existência de inúmeras variedades de fala em uma comunidade, condicionadas por leis sociológicas.

Outro oponente às idéias neogramáticas foi Meillet. Com sua concepção social da língua, ele admitia que “a história dos homens não é linear nem homogênea, logo as sociedades são heterogêneas e essa heterogeneidade do social é determinante da heterogeneidade lingüística e condicionante da mudança” (MEILLET, 1951, citado por FARACO, 2005, p. 154).

Na primeira metade do século XX, os estudos em linguagem tiveram grande impacto com os estudos da teoria estruturalista, que se configurou como o modelo teórico hegemônico da Lingüística. A partir das idéias de Ferdinand de Saussure, seu grande teórico, o estruturalismo caracterizou-se, principalmente, pelo estabelecimento de uma série de dicotomias, através das quais, norteava-se o estudo da língua. Entre essas, destacavam-se a oposição língua x fala e sincronia x diacronia.

O estruturalismo determinou como objeto de estudo a língua, concebida como um sistema de signos, comum a todos os indivíduos, de natureza homogênea, unitária e autônoma. Com uma noção de investigação lingüística interna ao sistema, essa teoria não considerava possível incorporar como objetos de sua reflexão sistemática a prática lingüística

concreta, isto é, a fala. Dessa maneira, o ato individual de representação da língua, foi descartado dos seus estudos.

Ao lado da dicotomia língua x fala, existia a oposição entre diacronia e sincronia. Saussure determinava que o estudo da língua deveria se debruçar sobre os fatos sincrônicos, pois estes eram homogêneos e estruturados, livres do processo sócio-histórico onde residiam as questões relativas à mudança lingüística. Para esse modelo teórico, a concepção de sistema pressupunha a noção de homogeneidade, idéia que seria mais tarde rechaçada pelos estudos variacionistas.

Na década de 50, outro importante modelo teórico lançou suas bases na Lingüística moderna. O modelo gerativo, desenvolvido por Noam Chomsky, fundamentava-se numa concepção inatista da linguagem. Segundo essa teoria gerativa, as pessoas nascem com uma parte do cérebro dedicada exclusivamente à linguagem. A gramática gerativa se volta, essencialmente, para a formação mental e o desenvolvimento lingüístico das sentenças das línguas em geral.

O gerativismo elegeu como objeto de estudo para a sua teoria a competência lingüística que um falante tem, que consiste na capacidade comum a todos os seres humanos de usar a língua. Essa ‘habilidade’ é desenvolvida a partir da faculdade da linguagem. O conhecimento internalizado e inato da língua opõe-se ao desempenho, que é seu o uso concreto.

Neste sentido, essa teoria também excluiu de seus estudos a situação concreta de interação lingüística em que o falante está inserido, ou seja, descartou-se seu desempenho, admitindo como objeto de estudo o conhecimento internalizado da língua, do falante-ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade de fala homogênea.

Assim, se assistiu ao longo dos tempos (e estudos teóricos) o descarte da manifestação lingüística concreta nos estudos da língua. Dessa forma, à medida que a Lingüística admitia apenas o caráter sistemático da língua, tornava-se cada vez mais difícil uma teoria coerente para a mudança lingüística, que levasse em consideração os componentes sociais de uma comunidade, intervenientes no processo de comunicação.

2.2 A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA

De acordo com Labov (1972) não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança lingüística fora da vida social da comunidade em que ela ocorre.

A partir das idéias desse estudioso, a Sociolingüística surgiu, então, como uma proposta de romper com os modelos anteriores, que descartavam o componente social, e instituir um novo objeto de estudo para a Lingüística, de uma forma que compreendesse, de maneira satisfatória, o fenômeno lingüístico relativo à variação e à mudança lingüística e à interação entre língua e sociedade.

Rechaçou-se, então, a idéia de homogeneidade lingüística e implementou-se uma noção de heterogeneidade ordenada: conceito basilar do modelo teórico-metodológico da Sociolingüística.

Essa teoria expôs seus primeiros conceitos no texto *Empirical foundations for a theory of language change*, de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog, apresentado num Simpósio de Lingüística Histórica, realizado no Texas, em 1966. A iniciação da Sociolingüística Quantitativa atribui-se, especificamente, a Labov. O seu estudo pioneiro sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, em 1963, estabeleciam as bases teóricas e metodológicas da pesquisa sociolingüística variacionista, contemplando o social como um dado a ser considerado na pesquisa lingüística.

Quando se fala, revela-se uma vasta configuração de características do contexto social do indivíduo. Neste sentido, a Teoria da Variação postula que se deve buscar a estrutura e o funcionamento da língua através do seu desempenho, compreendendo que o seu estudo deve considerar a situação real de comunicação, ou seja, a fala.

Para a Sociolingüística, as noções de estrutura e heterogeneidade não são excludentes, ao contrário, a variação é sistemática e regulada pelos correlatos sociais que, freqüentemente, operam sobre a língua.

Labov (1972) defende que a variação da língua não é um fato aleatório e casual. É, ao contrário, um fato regulado por contextos lingüísticos e sociais e que, por isso, a heterogeneidade da língua pode ser associada com a noção de sistema.

Neste sentido, o objetivo da Sociolingüística é sistematizar a variação, ou seja, buscar a ordenação da heterogeneidade lingüística, através de seus determinantes lingüísticos e extralingüísticos.

Seu objeto de estudo é, justamente, a variação, entendida como um princípio universal e inerentemente presente na dinâmica das línguas. As formas lingüísticas em variação denominam-se ‘variantes lingüísticas’, que são “as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 1990, p. 8).

Ao se investigar o fenômeno lingüístico, deve-se analisar quais os fatores internos e externos que influem para a realização de uma ou outra variante e a sua relevância para a ocorrência da variação em estudo.

A partir de um esquema geral, uma classificação da natureza dos fatores atuantes na variação configura-se como se segue. No conjunto das variáveis internas, encontram-se os fatores de natureza fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais. Eles dizem respeito a características da língua em várias dimensões, levando-se em conta o nível do significante e do significado, bem como os diversos subsistemas de uma língua. No conjunto das variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social), e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva). Os do primeiro tipo referem-se a traços próprios aos falantes, enquanto os demais a características circunstanciais que ora envolvem o falante, ora o evento de fala (MOLLICA, 2004a, p.11).

As variantes podem ser inovadoras ou conservadoras, prestigiadas ou desprestigiadas e, ainda, adquirir um *status* de padrão ou não-padrão. Em linhas gerais, pode-se dizer que a variante considerada padrão é aquela imposta socialmente e aceita pela sociedade, é a que corresponde às normas gramaticais; já a não-padrão é a variante presente em contextos mais informais e que está em desacordo com a norma padrão.

Uma variante padrão é, na maioria das vezes, conservadora e detentora de prestígio social; já as inovadoras são, geralmente, não-padrão e estigmatizadas pela sociedade. Vale salientar, contudo, que o estabelecimento desses critérios funda-se em critérios não puramente lingüísticos, mas representa um ‘poder’ que subjaz a uma superioridade econômica e social.

A Sociolingüística caracteriza-se por uma metodologia própria e bem definida. Dessa forma, a sua pesquisa implica:

- i. Levantamento dos dados de língua falada (*corpus*);
- ii. Descrição da variável e suas formas variantes;
- iii. Análise dos fatores lingüísticos e extralingüísticos condicionadores
- iv. Encaixamento lingüístico e social da variável no sistema da comunidade
- v. Projeção histórica da variável para a verificação dos casos de variação e/ou mudança.

Nesse instante, é importante explicitar a distinção entre variação e mudança lingüística. A variação representa a coexistência de duas ou mais variantes em um dado momento, ao passo que a mudança indica que uma forma lingüística se sobrepôs a todas as outras e se estabeleceu na comunidade.

Nem sempre a variabilidade existente na língua se expande e produz mudanças, mas toda mudança pressupõe variabilidade e heterogeneidade. Uma mudança lingüística acontece quando uma variante se generaliza em um subgrupo de uma comunidade e adquire direção e significado social; o progresso da mudança está associado à aprovação dos valores de um grupo pelos membros de outro (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006).

Pode-se abranger o fenômeno de mudança lingüística através de dois critérios: o tempo real e o tempo aparente. Na amostra em tempo aparente a variável é distribuída através da estratificação etária dos informantes, evidenciando a atuação das variantes em função da idade. Para a análise em tempo real, há dois tipos de abordagem: o ‘estudo de tendência’, no qual se considera os estudos já realizados na comunidade em questão e comparam-se as conclusões anteriores com as atuais, e o ‘estudo de painel’, que consiste em retornar a uma comunidade depois de um intervalo de tempo, localizar os mesmos indivíduos e submetê-los aos mesmos questionários, entrevistas ou experimentos (LABOV, 1972).

A análise em tempo aparente estabelece o estágio pelo qual passam as variantes no momento do recorte temporal. Já a análise em tempo real explicita o estágio de coexistência ou não das variantes.

Para investigar a mudança lingüística de maneira eficaz, Weinreich, Labov e Herzog (2006) determinam que a pesquisa deve dar conta de cinco problemas primordiais:

1. O problema dos fatores condicionantes: estabelece quais os fatores que regem uma dada variável, condicionando a mudança;
2. O problema da transição: delimita os estágios intermediários pelos quais passou uma forma lingüística no seu processo de mudança;
3. O problema do encaixamento: verifica como a mudança se encaixa no sistema lingüístico e de relações sociais;
4. O problema da implementação: determina quando, onde e porque uma mudança é implementada em uma comunidade;
5. O problema da avaliação: investiga as questões subjetivas que subjazem às atitudes dos falantes em relação à mudança.

A teoria sociolingüística trouxe uma abordagem mais adequada à diversidade dos fatos lingüísticos, ao considerar a correlação entre os fatores estruturais e sociais na escolha de uma variável.

Acredita-se que esse modelo conduz a uma interpretação mais consistente e coerente da língua em sua dimensão concreta, o que pode ser atestado pelas inúmeras análises de fenômenos lingüísticos desenvolvidos no Brasil e no mundo que se fundamentam nesta teoria.

O presente trabalho, portanto, insere-se nessa perspectiva teórica, visando analisar o processo de elisão, que será descrito no próximo capítulo.

3 SÂNDI VOCÁLICO EXTERNO

O termo *sândi* vem do sânscrito e diz respeito, num sentido lato, a casos de ‘juntura’ nas palavras, seja de ordem interna ou externa (DUBOIS et al., 1973). O processo que constitui o objeto de estudo deste trabalho consiste, especificamente, em um fenômeno que ocorre na fronteira entre palavras terminadas por vogal e por vogal iniciadas (ex.: menina esperta).

O ponto de partida é a seqüência de duas sílabas que pertencem a vocábulos diferentes sob o domínio da unidade prosódica maior. Quando segmentos vocálicos ocupam as posições de fronteira de dois vocábulos fonológicos em unidades sintáticas com pauta prosódica definida, a estrutura inicial de todos os processos de *sândi* vocálico está pronta. (BISOL, 1992, p. 89)

Os processos de *sândi* vocálico têm, portanto, um contexto semelhante para a sua aplicação – duas vogais que estão em seqüência, pertencentes a vocábulos diferentes, que estão combinados para constituir unidades prosódicas maiores que a palavra fonológica¹. São caracterizados por Bisol (1994) como meios de *reestruturação silábica*, determinada pela presença de duas vogais que, num contexto de subseqüência, tendem a simplificar-se numa única sílaba.

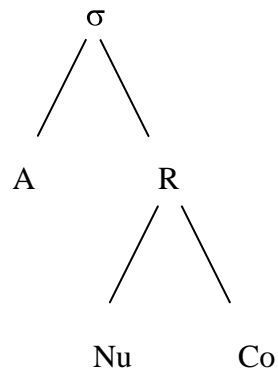
É, pois, desencadeado um processo de *ressilabação*, ocasionado pelo choque de núcleos silábicos, decorrentes do contexto em que aparece a seqüência VV (vogal + vogal). Sabe-se que o núcleo é preenchido pelo elemento mais sonoro da sílaba; no Português, esta posição é ocupada, exclusivamente, por uma vogal.

É importante reconhecer que a sílaba tem um papel relevante na teoria fonológica, pois se apresenta como domínio de aplicação de várias regras e processos lingüísticos.

Para um melhor esclarecimento, ressalta-se que o conceito de sílaba adotado neste trabalho segue a estruturação feita por Selkirk (1982, citado por COLLISCHONN, 2005b). Nessa teoria, considera-se que a sílaba consiste em um ataque (A) e em uma rima (R), sendo que esta se subdivide em um núcleo (Nu) e uma coda (Co). Esses elementos silábicos se relacionam de forma mais estreita entre os componentes da rima (núcleo e coda), do que entre esta e o ataque. Dessas categorias, a única que tem que ser obrigatoriamente ocupada é o núcleo. Essa sílaba é representada em forma de árvore, conforme se observa, a seguir, em (1):

¹ Mais adiante, as noções sobre constituintes prosódicos serão explicitadas.

(1)



Por conseguinte, para construção de uma sílaba básica, alguns critérios são obedecidos. Considera-se que a silabação atende a uma ordenação, determinada por princípios e/ou regras que orientam a formação silábica², especificada assim:

- i. Primeiramente identifica-se o núcleo, atendendo à escala de sonoridade (CLEMENTS & HUME, 1995);
- ii. Depois, forma-se o ataque, à esquerda do núcleo;
- iii. Por fim, constitui-se a coda, por expansão da rima.

A escala de sonoridade é dada por Clements e Hume (1995, p. 269) em função dos três traços maiores ([soante], [aproximante] e [vocóide]) que compõem o nó de raiz e classificam os segmentos em grandes classes, como pode ser visto em (2):

(2)

	[soante]	[aproximante]	[vocóide]	Escala de Sonoridade
Obstruinte	-	-	-	0
Nasal	+	-	-	1
Líquida	+	+	-	2
Vogal	+	+	+	3

² Essas noções seguem o artigo de Bisol (1999) sobre *A sílaba e seus constituintes*, que examina as sílabas do português brasileiro à luz da teoria métrica.

Diante dessa exposição, algumas explicitações advêm: com relação a (i), o elemento mais sonoro sempre se configura como núcleo silábico e os outros elementos, menos sonoros, ocupam as margens (ataque e/ou coda).

No que se refere a (ii), a identificação da primeira consoante à esquerda do núcleo, forma, de acordo com padrão canônico, o padrão silábico universal CV (consoante + vogal) e o mapeamento à esquerda do núcleo continua se mais consoantes existirem, para constituir, assim, um ataque complexo.

Concernente a (iii), somente as consoantes [+soantes], ou o /S/, podem ocupar a posição de coda, no português.

Entendendo-se por silabificação o processo de mapear uma seqüência de segmentos ao molde silábico da língua, o segmento, candidato a uma determinada posição, tem de atender à hierarquia de sonoridade crescente em direção ao pico e decrescente a partir dele (BISOL, 1999, p. 708).

As possibilidades de silabação que foram apresentadas podem gerar sílabas que extrapolam a estrutura da língua. Para resolver isso, a língua faz uso de princípios universais e princípios de língua particular que, por hora, não merecem ser expostos.

As palavras que suscitam as aplicações das regras de sândi vocálico – outrora silabadas – desencadeiam o processo de *ressilabação*, pois criam o contexto de duas vogais em seqüência ocasionando, conseqüentemente, o choque de núcleos silábicos. A ressilabação age, neste sentido, para resolver a configuração silábica marcada, ou seja, uma sílaba sem ataque (que corresponde, em geral, a V2 na seqüência VV).

Isso significa que, além de os processos de sândi se manifestarem como uma tendência da língua a evitar hiatos, representa também uma busca pelo padrão silábico universal CV (BISOL, 2000a, 2002). Trata-se, indiscutivelmente, de um processo que envolve (re)estruturação silábica.

Sendo assim, os processos de sândi afetam dois núcleos silábicos que entram em contato (V1 e V2 da seqüência VV) e que, pela aplicação de regras e princípios operantes no português, acabam resultando em um processo de simplificação silábica, fazendo desaparecer um desses núcleos³.

³ Neste caso, conforme será visto posteriormente, a posição de V1, geralmente átona final e, conseqüentemente, a mais fraca prosodicamente é o núcleo mais propício a desaparecer. No entanto, deve-se considerar o tipo de sândi desencadeado e as regras que a ele se aplicam, para uma observação mais consistente dessa questão.

Como já foi mencionado, o sândi vocálico externo foi amplamente investigado por Bisol (1992, 1994, 2000a, 2002). Nessas análises, a autora demonstra que os processos mais freqüentes no português do Brasil são a elisão, a degeminação e a ditongação.

A **elisão** consiste na supressão da vogal /a/ diante de uma vogal diferente (ex.: casa **humilde** > casumilde); a **degeminação** representa a contração de duas vogais idênticas (ex.: casa **amarela** > casamarela) e a **ditongação** diz respeito à formação de um ditongo quando as vogais forem distintas (ex.: caso **aberto** > caswaberto).

Vale ressaltar que o contexto mais favorável para a aplicação dos processos de sândi é aquele em as vogais envolvidas são todas átonas. Neste sentido, Bisol (1994, p. 29) elenca quais são as possibilidades de aplicação e de restrição aos processos de elisão, degeminação e ditongação, considerando a tonicidade das vogais⁴:

- a. Combinação de duas vogais átonas, produzindo automaticamente ditongo se as vogais forem distintas; elisão de *a* átono se essa vogal for a primeira, ou degeminação, sob condição de identidade.
- b. Combinação de vogal átona e vogal acentuada produzindo automaticamente ditongo, mas não elisão nem degeminação.
- c. Combinação de vogal acentuada e átona, produzindo ditongo e degeminação.
- d. Combinação de duas vogais acentuadas, mostrando acento relevante na segunda com preferência de hiatos sobre ditongos os quais não ficam de todo descartados.

Sob a condição de atonicidade das vogais, é interessante observar que, em conformidade com o sistema vocálico do português, e segundo a literatura pertinente, apenas três vogais podem ocupar a posição de V1 (postônica final): /a, i, u/ e cinco vogais a posição de V2 (pretônica), que se apresentam de forma variável: em geral, /a, ê, ô, i, u/ para os dialetos do sudeste-sul e /a, é, ó, i, u/ para os dialetos do norte-nordeste⁵.

Uma vez desencadeado o processo de ressilabação, e independente do processo que venha a resultar o choque de núcleos silábicos (se elisão, degeminação ou ditongação), os processos de sândi provocam, sempre, uma *reestruturação rítmica* dos vocábulos envolvidos, no sentido de que a sílaba resultante do processo de sândi incorpora-se à pauta prosódica do vocábulo seguinte (BISOL, 1992, 1994). Geralmente se verifica que, com a perda da sílaba, a consoante passa a ser o ataque da sílaba seguinte.

⁴ Para este trabalho, a autora considerou os dados do *corpus* NURC na sua investigação.

⁵ A questão das vogais será exposta de maneira mais detalhada na seção que tratará das variáveis independentes selecionadas para a investigação dos processos de sândi.

Considerando o sândi vocálico como um processo que interfere na estrutura silábica e adotando o pressuposto da Fonologia Métrica de que o acento é uma propriedade da sílaba, compreende-se que o acento é um fator de extrema relevância para a aplicação das regras de sândi. Em todos os trabalhos realizados por Bisol (1992; 1994; 2000a; 2002), o acento mostra-se como o principal bloqueador dos processos – a incidência da tonicidade das sílabas e a relação destas com as outras na estrutura rítmica da língua é fator determinante na aplicação, ou não, da elisão, da degeminação e da ditongação.

Para uma melhor explicitação, o processo de elisão, objeto de estudo deste trabalho, será abordado mais detalhadamente, na seção seguinte.

3.1 A ELISÃO

Câmara Jr. (2006)⁶, no seu livro *A estrutura da Língua Portuguesa*, já chamava a atenção para a existência do fenômeno de elisão no português. Segundo esse autor, tal processo “anula a separação entre uma vogal final e a inicial do vocábulo seguinte, quando átonas ambas ou pelo menos átona a primeira” (p. 62).

O processo de elisão pode ocorrer no contexto em que duas palavras combinadas resultam na seqüência VV (vogal + vogal). Para isso, é necessário que a primeira sílaba da seqüência seja aberta⁷ (CV = consoante + vogal) e a segunda seja uma sílaba sem ataque.

Neste sentido, observa-se, especificamente, o apagamento da vogal baixa /a/ diante de uma vogal diferente⁸. Aquela vogal, sendo átona, desaparece diante da inicial vocálica da palavra seguinte.

Ex⁹:

“...ele já namorou cum **minha irmã**...”

“...ele já namorou cum [**minhirmã**]...”

⁶ A obra de Câmara Jr. consultada para as referências deste trabalho é 38ª edição do seu original de 1970.

⁷ Sílabas abertas (ou leves) são aquelas que não possuem rima ramificada (COLLISCHONN, 2005b).

⁸ Bisol (1992, p. 94), salienta que elisões de outras vogais podem ocorrer, não tendo, contudo, “o caráter geral que **a** apresenta”.

⁹ Esses exemplos foram retirados do *corpus* do VALPB.

“... **dava um** beijo na boca dela...”

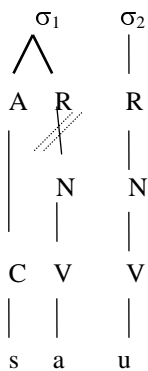
“... [**davum**] beijo na boca dela...”

É importante salientar, contudo, que a elisão, assim com os outros processos de sândi, apresenta-se de forma variável na língua portuguesa.

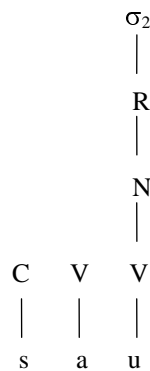
Baseando-se na explanação feita por Bisol (1992, 2000a, 2002), Tenani (2002) e na releitura desses trabalhos realizada por Matzenauer (2005b), o processo de elisão, segundo as teorias que versam sobre a sílaba, e representado pelo modelo proposto pela Fonologia Autossegmental¹⁰, é descrito de acordo com (3):

(3) camisa usada

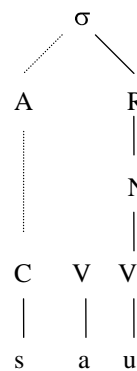
a) Estrutura inicial



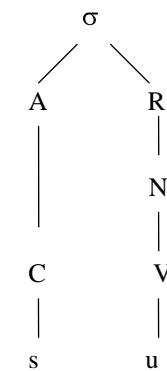
b) Choque de núcleos



c) Ressilabação



d) Elisão



A estrutura inicial que desencadeia a elisão (3a) advém de duas palavras que entram em contato e cuja sílaba final da primeira e a inicial da segunda formam a seqüência VV, ocasionando o choque de núcleos silábicos; esse choque (3b) apaga a primeira sílaba da seqüência desassociando os segmentos C (consoante) e V (vogal); nesse contexto, ocorre a rressilabação (3c), determinada pelo PLP¹¹, com adjunção da consoante desassociada à rima da

¹⁰ Inserida no modelo teórico não-linear, que considera o traço distintivo como unidade de análise, a Fonologia Autossegmental trabalha com a noção de *autossegmentos* para representar as unidades fonológicas, permitindo a segmentação e a manipulação independente das partes dos sons das línguas. A Fonologia Autossegmental admite que não há uma relação de bijetividade entre o segmento e a especificação de traço que o caracteriza, existindo uma organização hierárquica entre os traços que compõem um segmento. Esses traços podem ser manipulados isoladamente; podem espalhar-se, ou desligar-se para outro segmento; permanecer flutuantes e ser apagados parcialmente (MATZENAUER, 2005a; 2005b).

¹¹ De acordo com o Princípio do Licenciamento Prosódico (PLP), todas as unidades devem pertencer a estruturas prosódicas mais altas (ex: segmentos devem pertencer a sílabas; sílabas devem pertencer a pés; pés a palavras,

sílaba seguinte, formando ataque com a vogal da sílaba remanescente e, conseqüentemente, o apagamento da vogal /a/, resultando, assim, na *elisão* (2d).

A elisão, diferentemente dos outros processos de sândi vocálico, não se aplica no interior das palavras, mas somente na fronteira entre elas (Ex.: fauna > *funa; esmaecer > *esmeacer).

Dentro do contexto favorecedor da elisão, algumas restrições são determinantes para a sua aplicação, conforme salienta Bisol (2000a; 2002). Sendo assim, fatores como a tonicidade das sílabas envolvidas, o tipo de vogal que sucede a vogal /a/, os domínios prosódicos, a extensão e a categoria das palavras incluídas no processo serão abordados no capítulo seguinte, quando serão explicitadas as variáveis relacionadas ao processo e elaboradas as hipóteses que norteiam a investigação deste trabalho, visando a observar o comportamento da elisão na comunidade pessoense.

3.2 ABORDAGENS SOBRE O TEMA

O processo de elisão já foi alvo de investigação de alguns pesquisadores do Brasil. Nesta seção serão mencionadas algumas destas pesquisas que foram realizadas em diferentes regiões do país, demonstrando o comportamento deste fenômeno em diferentes abordagens.

Massini-Cagliari (2006), investigou todas as soluções possíveis para os encontros de vogais em contexto intervocabular: ditongação, **elisão**, crase e hiato. A autora utilizou uns *corpora* composto por cantigas medievais galego-portuguesas profanas (cantigas de amor e de amigo) e religiosas (as Cantigas de Santa Maria, de Afonso X).

Para observar o comportamento desses fenômenos vocálicos, a pesquisadora valeu-se da escansão dos versos em sílabas poéticas, para identificar os limites entre as sílabas fonéticas, observando a escrita dos manuscritos.

Segundo Massini-Cagliari (op. cit., p. 77) “a escrita dos manuscritos medievais aqui considerados como fonte é particularmente reveladora do fenômeno da elisão, já que não costumavam ser grafadas as vogais apagadas, nesse processo”.

etc) caso contrário, serão apagadas pelo mecanismo ‘Stray Erasure’, que elimina elementos não licenciados (ITÔ, 1988).

O contexto de aplicação da elisão observado nesta pesquisa é aquele em que a primeira vogal da sequência é /a/, /e/ ou /o/ - átonos- com uma aplicação mais proeminente com as vogais /e/ e /o/.

Foram encontrados, nos *corpora* considerados, 3956 casos de encontros entre vogais em junção de palavras, dos quais 52.8% foram resolvidos em elisões, sendo, portanto, o processo de sândi mais recorrente nas cantigas medievais galego-portuguesas.

A autora constatou que os processos de sândi são determinados por fatores lingüísticos, com possibilidade de intervenção de questões estilísticas na escrita dos versos, das quais se valem os trovadores para atender às suas necessidades poéticas.

Tenani (2002) também investigou os fenômenos de sândi vocálico externo com o objetivo de verificar as características prosódicas do Português do Brasil e compará-las com a do Português Europeu.

Para realizar essa comparação, a autora considerou evidências entoacionais, segmentais e rítmicas dos três domínios mais altos da hierarquia prosódica (a frase fonológica, a frase entoacional e o enunciado fonológico).

Os dados que serviram para a análise foram obtidos de maneira controlada, através de experimentos, que consistiam em leituras de frases declarativas, o mais espontaneamente possível. As entrevistas foram realizadas com informantes do sexo feminino, entre 21 e 28 anos, com grau universitário e residiam há, no mínimo, quatro anos na região de São José do Rio Preto (SP).

Tenani (2002, 2006), constatou que não há evidências segmentais, mas apenas evidências entoacionais dos três domínios prosódicos investigados, com destaque para a importância da frase fonológica para a organização entoacional no Português do Brasil. Ela observou que, nesta variedade do português, o sândi externo ocorre entre todas as fronteiras prosódicas.

Na análise de contextos de bloqueio da degeminação e da **elisão**, a autora supracitada também verificou que há restrições que atuam no domínio da frase fonológica de modo a bloquear a configuração de estruturas rítmicas mal formadas, como também há um efeito de direcionalidade esquerda/direita que consiste em preservar a proeminência do acento mais à direita dentro da frase fonológica.

Já foi mencionado, neste trabalho, que Leda Bisol realizou uma vasta pesquisa sobre os fenômenos de sândi vocálico, no Brasil (BISOL, 1992 1994, 2000a, 2002). Essa pesquisadora fundamentou-se na metodologia da sociolingüística variacionista para investigar esses processos vocálicos, trabalhando primeiramente com dados do NURC (Norma Urbana

Culta) e, mais detalhadamente, com dados do VARSUL (Variação Lingüística Urbana no Sul do País).

Para o estudo da elisão, especificamente, a amostra utilizada para a análise é resultante das entrevistas de 12 indivíduos, oriundos de Porto Alegre, RS.

A autora chega à conclusão, em seus estudos, de que a elisão é controlada, basicamente, por duas restrições: o acento e os monomorfemas. Neste sentido, não ocorre o apagamento da vogal /a/ se, sobre a segunda vogal, cair algum tipo de acento e, também, se houver a presença de monomorfemas no contexto de aplicação do processo.

Não cabe, entretanto, uma exposição detalhada sobre a pesquisa de Bisol, pois ela representa um dos suportes teóricos deste trabalho e, dessa forma, será, inevitavelmente, referida em seus argumentos mais relevantes no decorrer da pesquisa.

Portanto, uma vez descrito o objeto de estudo e algumas de suas abordagens já realizadas no Português do Brasil, serão expostas, no capítulo seguinte as variáveis dependente e as independentes (lingüísticas e extralingüísticas) que podem estar interferindo na realização do processo de elisão na comunidade pessoense.

4 DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS

Já ficou claro, até aqui, que a língua é uma realidade intrinsecamente diversificada. A Sociolinguística Variacionista admite a relação entre língua e sociedade e passa a estudar a variação nos contextos concretos em que ela se realiza.

As variantes estruturais são entendidas como realizações possíveis de uma língua, em um mesmo ambiente, em que a substituição de uma forma por outra não implica divergência de sentido. O conjunto dessas variantes configura-se como o fenômeno variável – ou *variável linguística*, nos termos da teoria referida neste trabalho. Essas variáveis podem ser dependentes ou independentes.

Uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social e estrutural. Assim, as variáveis independentes ou grupo de fatores podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressões sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência (MOLLICA, 2004a, p. 11).

As variáveis que foram controladas na realização desta pesquisa serão apresentadas, e descritas, neste capítulo. Elas estão divididas em variável dependente – a elisão – e variáveis independentes – divididas, por sua vez, em variáveis linguísticas e extralinguísticas.

4.1 VARIÁVEL DEPENDENTE

A variável dependente diz respeito ao fenômeno linguístico variável delimitado para a análise. Em outros termos, são as várias possibilidades de realização de um mesmo conteúdo linguístico.

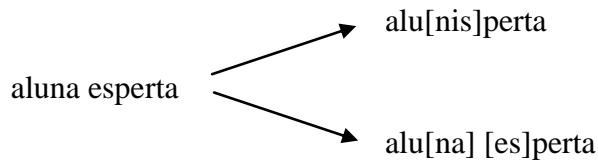
Uma dada variável dependente pode ser binária – se tiver duas formas de realização (duas variantes) – ou eneária – se tiver mais de duas variantes possíveis.

No que concerne a essa pesquisa, a variável dependente refere-se ao fenômeno de **elisão**. Viu-se que as palavras podem sofrer modificações quando concatenadas na frase.

Quando se trata da elisão, observa-se que a estrutura das palavras pode ser afetada, quando há o apagamento da primeira vogal da seqüência, neste caso, a vogal /a/.

Neste sentido, pode-se elaborar o seguinte esquema de representação da variável dependente investigada aqui:

(5)



Nesse processo, existe a possibilidade de aplicação da elisão, com a reestruturação silábica e rítmica (já descritas no capítulo anterior), alternando-se com a manutenção do hiato. É, portanto, uma variável dependente de realização binária: aplicação *versus* não-aplicação do processo.

Uma vez definida a variável dependente, serão descritas, a seguir, as variáveis independentes elencadas para o presente estudo.

4.2 VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Entende-se que a variação presente na língua não é aleatória. Ela é motivada por circunstâncias estruturais e pelo contexto social em que um indivíduo está inserido.

As variáveis independentes consistem nas restrições lingüísticas e extralingüísticas que atuam favorecendo ou desfavorecendo o uso das variantes que compõem a variável dependente observada.

Assim, acreditando-se que o processo de elisão é influenciado por fatores lingüísticos e extralingüísticos, para abranger o fenômeno lingüístico como um todo se faz necessário estabelecer a sua correlação com esses dois universos de fatores.

Diante da especificação do objeto de estudo, da observação do *corpus* e apoiando-se na literatura específica, foram estabelecidas as variáveis que se acredita serem intervenientes no processo, acompanhadas das hipóteses relacionadas a cada variável.

4.2.1 Variáveis extralingüísticas

Reconhece-se que as variáveis extralingüísticas, ou sociais, são de extrema importância para o estudo sociolingüístico, pois elas atuam probabilisticamente de forma condicionadora e/ou inibidora a uma determinada forma variável. O comportamento lingüístico do falante é influenciado pelo ambiente em que ele está inserido, as pessoas com as quais ele convive, o nível de instrução, a idade etc.

Muitas pesquisas na área (LABOV, 1966; SCHERRE, 1988; HORA, 1990; LUCENA, 2001; PEREIRA, 1997, por exemplo) têm confirmado que tais fatores exercem influência relevante na forma de falar dos indivíduos. Na comunidade pessoense, especificamente, as restrições sociais atuam de forma decisiva nas formas variantes estudadas, seja em nível fonológico ou sintático (BESERRA, 2004).

Para a realização deste trabalho foram selecionadas três variáveis sociais:

- 1) Sexo
- 2) Anos de escolarização
- 3) Faixa etária

Esses fatores sociais obedecem ao esquema adotado pelo Projeto de Variação Lingüística do Estado da Paraíba (VALPB), que representa o *corpus* do qual se utilizará a pesquisa.

4.2.1.1 Sexo

Tanto a literatura sociolingüística como os estudos variacionistas têm ratificado o quanto o fator sexo¹² está correlacionado à variação lingüística.

¹² É necessário, aqui, fazer uma distinção entre *gênero* e *sexo*, uma vez que diversos estudos sociolingüísticos têm mostrado uma certa confusão na nomeação e na conceituação desses termos. O sexo determina uma diferença de nascimento entre homens e mulheres. Segundo a definição de Eckert (1998 citado por BESERRA, 2004), o sexo é “uma categoria biológica que serve como base fundamental para a diferenciação de regras, normas e expectativas na sociedade”, ao passo que gênero diz respeito aos papéis que homens e mulheres desenvolvem na sociedade, relacionados à cultura e organização social em que estão inseridos. Dessa maneira, considerando-se que seria muito complicado controlar o fator ‘gênero’, adota-se a noção de ‘sexo’ neste trabalho.

As diferenças entre homens e mulheres são inúmeras; elas vão muito além do lingüístico. Os aspectos que diferem os homens das mulheres, que podem ser de ordem fisiológica ou comportamental, refletem na forma como cada um usa a língua.

A maioria das pesquisas de abordagem sociolingüística tem apontado que as mulheres vêm se mostrando mais receptivas à atuação normatizadora da língua, ou seja, as mulheres tendem a utilizar mais a forma padrão em relação aos homens (SILVA e PAIVA, 1996). Entretanto, para uma análise mais consistente da correlação entre o fator sexo e a variação lingüística é necessário conhecer a organização social da comunidade de fala estudada e o prestígio atribuído às variantes.

Mesmo que nos dias de hoje se assista a uma tendência a ‘igualar’ homens e mulheres, a história das sociedades foi fundamentada em uma diferenciação entre papéis femininos e masculinos. Essa organização social, portanto, tem determinado o comportamento das mulheres e dos homens face à língua.

Acredita-se que a primazia feminina pelas formas lingüísticas padronizadas está relacionada a uma maior consciência feminina do *status* social das formas lingüísticas: as mulheres demonstram uma preferência pelas formas aceitas socialmente. Essa postura pode estar arrolada à sua forma de socialização. À mulher é atribuída a função de educar os filhos e, portanto, exige-se dela uma atitude ‘exemplar’. Também se espera delas manifestações de ‘bom comportamento’. Além disso, considera-se que a mulher enfrenta maior dificuldade nos casos de aceitação em grupo, afirmação profissional e mobilidade social, determinando a sua postura lingüística que é pressionada a ser mais formal, mais “correta”.

No que concerne à mudança, um aspecto muito relevante a ser considerado é o valor social da variante. Observa-se que as mulheres desempenham uma atitude conservadora quando a variante a ser implementada é socialmente estigmatizada, entretanto, se a variante for de prestígio, muito provavelmente as mulheres liderarão o processo de mudança, realizando a forma inovadora (PAIVA, 2004).

Por fim, pode-se afirmar que a análise da dimensão social da variação e mudança lingüísticas não pode abstrair que a ocorrência de determinadas variantes esteja associada ao sexo do falante e à forma de construção social dos papéis feminino e masculino, numa dada sociedade.

Desta maneira a variável ‘sexo’ fica definida em duas possibilidades:

- Masculino
- Feminino

Hipótese: Diante do exposto, acredita-se que, com relação à variável sexo, os falantes do sexo feminino tendem a aplicar menos os processos de sândi do que os do sexo masculino.

4.2.1.2 Anos de escolarização

É comumente partilhado entre os indivíduos de uma sociedade o papel que a escola desempenha na vida de um indivíduo. A ela é atribuído o trabalho de ensinar, dentre outras coisas, a língua “correta”. Verifica-se, a partir disso, que a sua atuação é totalmente normatizadora. O ensino de língua nas escolas tem como objetivo principal ditar as regras do bem falar e escrever. Nesse sentido, ela atua como preservadora das formas de prestígio e, baseada nos manuais de literatura, incute gostos, normas, padrões estéticos etc. Assim, compreende-se que o fator escolaridade, sem dúvida, exerce influência na forma como as pessoas usam a língua.

Quando se fala nos domínios de escolarização e de ensino da língua materna, uma questão é notória: o ensino segue, essencialmente, o domínio sócio-econômico que certa parcela da sociedade detém. Sabe-se que o aprendizado de uma língua é, freqüentemente, concebido como o ensino das regras ditadas pela gramática normativa. Acontece que o padrão ensinado corresponde, justamente, à norma falada pelas classes mais altas da sociedade. Assim, não surpreendentemente, verificam-se atitudes excludentes nesse modo de ensino àqueles que não detêm essa variedade padrão.

Ao se falar em formas variáveis, reconhecem-se tanto as formas aceitas socialmente - as prestigiadas - como as formas que são reprovadas pelo ‘bom’ uso da língua - as estigmatizadas. Essas últimas são, freqüentemente, desconsideradas pelo ensino, quando não raramente sofrem comentários preconceituosos e atitudes depreciativas. A variável não-padrão é, geralmente, considerada inferior e registrada como erro nas gramáticas escolares.

O *status* econômico e prestígio social, sem dúvida, são determinantes no ensino da língua. Pois a variável considerada “correta”, a que é cobrada nos exames vestibulares, concursos, e em ambientes de interação mais formal e que requer um emprego apropriado da língua é a língua das classes mais favorecidas.

Obviamente, atribui-se ao falante mais escolarizado o uso da variante padrão. O convívio com a escola e os trabalhos que nela se fazem (ditado, leitura, produção de texto, etc) são influenciadores na forma de falar. A escola desempenha um papel decisivo no

comportamento lingüístico dos falantes, no sentido de que pretende ensinar a linguagem aceita pela sociedade e, até mesmo, substituir as variedades consideradas “erradas” pela ditas “corretas”.

A escola, neste sentido, cumpre o seu objetivo e apresenta um mérito indiscutível. Através da sua atuação, é possível a aquisição da norma culta que permite a inserção dos indivíduos menos favorecidos em alguns segmentos ou situações da sociedade que a exija, numa “tarefa socializadora que o uso de uma língua nacional, de prestígio, requer” (VOTRE, 2004, p.56).

Vale salientar, contudo, que não há, necessariamente, uma relação entre a regra de elisão e a forma não-padrão da língua, no sentido de se avaliar negativamente as formas linguísticas em que se verifica o apagamento da vogal /a/. Considera-se, apenas, que a forma mais ‘cuidada’ de se falar é atribuída aos falantes mais escolarizados, ao passo os falantes com menos anos de escolarização estão pouco preocupados com a forma como falam.

Essa variável fica, então, representada assim:

- Nenhum ano
- 5 a 8 anos
- Mais de 11 anos

Hipótese: No que concerne aos anos de escolarização, espera-se que a aplicação do processo de elisão seja inversamente proporcional aos anos de estudo que o falante possui, ou seja, que o maior número de apagamento da vogal /a/ nas seqüências de palavras esteja entre os falantes menos escolarizados.

4.2.1.3 Faixa Etária

Quando se trata de correlacionar a(s) variante(s) ao fator idade, verifica-se que o processo aponta para duas direções básicas: a relação de estabilidade entre as variantes lingüísticas, ou o fato de haver mudanças na língua.

A relação de estabilidade das variantes (a situação de contemporização) avultará, se entre a regra variável e a faixa etária dos informantes não houver qualquer tipo de correlação. Se, por outro lado, o uso da variante mais inovadora for mais freqüente entre os jovens, decrescendo em relação

à idade dos outros informantes, você terá presenciado uma situação de mudança em progresso [...] (TARALLO, 1990, p. 65)

Parte-se do pressuposto de que, se uma variante inovadora, encontrada unicamente na fala dos indivíduos mais jovens de uma comunidade, está em competição com outra mais conservadora, presente na fala dos indivíduos mais velhos, ela tende a ser implantada na língua, pois no momento em que os falantes mais idosos desaparecerem, eles levarão consigo a sua forma de falar.

Em geral, os falantes mais jovens optam pela variante não-padrão. Atribui-se isso ao fato de a linguagem dos jovens ser caracteristicamente mais informal do que a dos falantes das faixas etárias superiores. O cruzamento com outras variáveis sociais também pode fornecer mais interpretações, como o fato de os falantes mais velhos terem mais anos de escolarização e, portanto, maior domínio da forma padrão, ou estarem inseridos em contextos mais formais, como o ambiente de trabalho ou as relações sociais de que fazem parte.

Dessa forma, compreende-se que a comparação de diferentes faixas etárias pode revelar diferentes estágios de uma língua, entendendo, entretanto, ser sempre necessário conceber a análise dos fatores sociais relacionados uns aos outros, permitindo, assim, um alcance muito mais consistente do fenômeno lingüístico concreto como um todo.

No concerne a esta variável, apresenta-se a seguinte estratificação:

- Jovens (entre 15 e 25 anos)
- Adultos (entre 26 e 49 anos)
- Idosos (mais de 49 anos)

Hipótese: Quanto à faixa etária, acredita-se que a elisão é mais passível de ocorrer entre os indivíduos mais jovens, do que entre os idosos.

4.2.2 Variáveis lingüísticas

A linguagem humana é algo tão natural ao indivíduo que, muitas vezes, as pessoas não (re)conhecem seu funcionamento. O sistema lingüístico atua diretamente sobre os usos variáveis da língua, conjuntamente aos fatores sociais, determinando a realização de uma ou outra forma.

As variáveis lingüísticas incluem todos os fatores estruturais que interferem na ocorrência de uma variante. Essas restrições perpassam os mais variados domínios da língua, compreendendo, assim, fatores fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, discursivos, etc.

Acredita-se que os fatores lingüísticos são cruciais no estudo em questão, considerando que a elisão é um fenômeno que opera diretamente com as unidades estruturais da língua.

Para o estudo, foram selecionadas seis variáveis lingüísticas que pudessem dar conta, ao máximo, do processo de elisão, no sentido de entender o seu comportamento. São elas:

- 1) Acento
- 2) Constituintes prosódicos
- 3) Qualidade da vogal
- 4) Extensão da primeira palavra
- 5) Extensão da segunda palavra
- 6) Tipo de palavra

4.2.2.1 Acento

Em todos os trabalhos realizados por Bisol, sobre os processos de sândi, o acento revelou-se como um fator decisivo na aplicação, ou não, dos processos. A autora assevera que “o contexto favorecedor por excelência é o das átonas” (BISOL, 2002, p. 241).

Em geral, o acento¹³ tem sido interpretado como ‘proeminência’. As sílabas acentuadas – tônicas – são mais salientes do que as não-acentuadas – átonas (MASSINI-CAGLIARI, 1992a, 1992b; COLLISCHONN, 2005a, entre outros).

Essa saliência, entretanto, é percebida através de alguns correlatos fonéticos, ou seja, a percepção do acento se dá em termos de uma co-atuação de elementos vários, que são: a duração, a frequência e a intensidade. A variação nesses fatores e dos elementos vizinhos

¹³ O estudo do acento nas palavras já foi alvo de muitas abordagens teóricas, desde o Estruturalismo até a Fonologia Lexical. Muitos estudiosos se debruçaram sobre o tema, produzindo ricas discussões à respeito. Não é pretensão deste trabalho, contudo, deter-se sobre essas questões que demandam tempo e espaço e extrapolam os objetivos determinados para a presente pesquisa.

àquele que recebe o acento atuam no sentido de produzir uma proeminência do elemento acentuado sobre os demais.

No português, três são as possibilidades de acentuação: o acento pode incidir na última, penúltima, ou antepenúltima sílaba, sendo mais freqüente a ocorrência de palavras com acento na penúltima sílaba. Tem-se, portanto, nesta língua, somente palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

As línguas manifestam, basicamente, três tipos de acento: primário – o acento mais forte da palavra (oxítona, paroxítona e proparoxítona) – secundário – é o acento menos forte que o acento primário e mais proeminente entre as sílabas não-acentuadas de uma palavra – e principal – o acento que se sobrepõe em uma seqüência de palavras; é o acento da frase.

Considerando que a sílaba apresenta-se como o suporte dos correlatos fonéticos referentes à acentuação e tendo visto que o processo de elisão interfere diretamente na estrutura silábica, acredita-se que o acento é uma variável indispensável ao presente estudo.

Vale salientar, que a tonicidade das sílabas só foi controlada na palavra que segue à vogal /a/, pois já foi demonstrado em outros trabalhos sobre esse mesmo processo (BISOL, 1992, 1994; MASSINI-CAGLIARI, 1992b, TENANI, 2002, 2007), que a elisão não ocorre se a vogal /a/ (V1, propulsora da regra de elisão), for tônica.

Dessa maneira, a variável *acento* foi definida considerando três critérios, a saber:

- Átona:

Ex.: “minha infância foi muito boa” (SMPS)

- Acento primário:

Ex.: “faltava onze dias” (RAM)

- Acento principal:

Ex.: “coisas salutare**s** da minha época” (JPNA)

Hipótese: Baseando-se nas observações feitas no *corpus* e nas leituras realizadas para a realização deste trabalho, acredita-se que, com relação ao fator acento, a aplicação da elisão é favorecida quando vogal seguinte ao /a/ é átona; o contexto inibidor é, neste sentido, aquele em que, sobre a vogal seguinte, incide o acento principal.

4.2.2.2 Constituintes prosódicos

Essa variável permite verificar em que domínio prosódico é mais propícia a aplicação da elisão.

Por ‘constituente’ entende-se uma unidade lingüística composta de elementos (segmentos, palavras ou seqüência destas) que estabelecem entre si uma relação de dominância, no sentido de que, cada constituinte é formado por outra combinação de elementos de ordem inferior (DUBOIS et al, 1973; BISOL, 2005b). Cada constituinte (fonológico, sintático, etc), entretanto, tem suas próprias regras e princípios.

A noção de constituinte prosódico, como já se supõe pelo próprio nome, perpassa as questões de acento, ritmo, entoação e conta também com informações que vão além da fonologia.

Nas palavras de Bisol (2005b, p. 255), “constituente prosódico é uma unidade lingüística complexa, cujos membros desenvolvem entre si uma relação binária de dominante/dominado, precisamente uma relação de forte/fraco ou vice-versa”.

Baseando-se na proposta de Nespor e Vogel (1994), os constituintes prosódicos dispõem-se hierarquicamente, do menor para o maior, da seguinte maneira: sílaba < pé < palavra fonológica < grupo clítico < frase fonológica < frase entoacional < enunciado.

Hierarquia Prosódica (Cf. NESPOR e VOGEL, 1994, p. 29)

sílaba (σ)

pé (Σ)

palavra fonológica (ω)

grupo clítico (C)

frase fonológica (Φ)

frase entoacional (I)

enunciado (U)

Tendo em vista que o fenômeno de sândi vocálico aqui estudado – a elisão – ocorre na fronteira entre palavras, o menor domínio prosódico considerado para a análise é o grupo clítico. De acordo com Nespor e Vogel (op. cit.) essa unidade prosódica é formada por uma palavra fonológica mais um elemento clítico (ex.: uma escola).

Os clíticos são elementos em sua maioria monossílabos átonos, que dependem, quanto à acentuação, das palavras que os acompanham. A palavra fonológica, por sua vez, caracteriza-se por ter, pelo menos, uma marca de acento. Existem, entretanto, algumas posições teóricas (Cf. CÂMARA Jr, 2006, p. 63) que não admitem a independência do grupo clítico na escala prosódica, considerando-o como um elemento da palavra fonológica. Evidências de aplicação do sândi neste domínio, como bem ressalta Bisol (2005b), entretanto, indicam o comportamento independente do clítico, motivo pelo qual essa unidade prosódica foi considerada aqui¹⁴.

Subseqüentes ao grupo clítico, estão os maiores constituintes da escala prosódica: a frase fonológica – formada pelas unidades imediatamente mais baixas na hierarquia prosódica – a frase entoacional – constituída por uma ou mais frases fonológicas – e o enunciado – identificado por limites sintáticos e pela inserção de pausa.

Por motivos práticos, na codificação dos dados considerou-se como ‘frase fonológica’ todos os constituintes maiores que o grupo clítico, independente da sua classificação na escala prosódica.

Dessa forma, a variável ‘*constituintes prosódicos*’ foi classificada em duas categorias:

- Grupo clítico

Ex.: “será que já chegou a hora” (RAM)

- Frase fonológica

Ex.: “uma coisa esporádica” (ERG)

Hipótese: O processo de elisão está mais propício a ocorrer quando as vogais das palavras que fazem parte do contexto de aplicação pertencem a um constituinte mais alto na escala prosódica, ou seja, quando as palavras constituem o domínio ‘frase fonológica’.

4.2.2.3 Qualidade da vogal

Essa variável compreende o tipo da vogal envolvido no fenômeno de elisão e pretende observar que contexto vocálico seguinte à vogal /a/ favorece a aplicação do processo.

¹⁴ Discussões a respeito do status prosódico do clítico continuam sendo elaboradas. Esta é, portanto, uma questão em aberto.

De acordo com o clássico e famoso modelo exposto por Câmara Jr. (2006), o português do Brasil apresenta um quadro de vogais mutável de acordo com a posição da sílaba a que pertence a vogal. A caracterização das vogais leva em conta a tonicidade das sílabas da palavra, no sentido de que a sílaba tônica é o contexto ideal para identificá-las. Neste sentido, as vogais classificam-se como em (6):

(6)

altas	/u/		/i/	
médias	/ô/		/ê/	2º grau
médias	/ó/	/é/		1º grau
baixa	/a/			
	posteriores	central	anteriores	

(CÂMARA Jr., 2006, p. 41)

Segundo o autor supracitado, essas sete vogais se reduzem a cinco na posição pretônica (/a/, /o/, /e/, /u/, /i/), a quatro em posição postônica não-final (/a/, /e/, /i/, /u/) e a três na posição átona final (/a/, /i/, /u/). Essa classificação, contudo, foi feita com base no dialeto culto carioca. Sabe-se que o comportamento das vogais no português do Brasil apresenta-se de forma variável, atestado pelas inúmeras pesquisas sociolingüísticas realizadas no país.

Em geral, afirma-se que, com relação à posição pretônica, os dialetos da região norte-nordeste caracterizam-se pela presença das vogais médias abertas, mais do que as fechadas, na posição pretônica (/é/ e /ó/) e os do sudeste-sul pelas vogais fechadas (/ê/ e /ô/),

Num estudo sobre a variação das médias pretônicas no dialeto pessoense, Pereira (2004) mostra que as vogais médias abertas são as mais frequentes. Há, entretanto, uma alta ocorrência das vogais altas e das médias fechadas. Verifica-se, na verdade, que é o princípio de harmonização vocálica que rege a variação da pauta pretônica neste dialeto, pois as vogais acabam sendo influenciadas pelo contexto vocálico seguinte, assimilando o traço da vogal tônica.

Postas essas considerações, a variável *qualidade da vogal* foi controlada de acordo com tipo da vogal:

- /é/:

Ex.: “minha época” (SMPS)

- /ê/:

Ex.: “ciência exata” (RCRA)

- /i/:

Ex.: “era iniciante” (GHSS)

- /ó/:

Ex.: “minha ótica” (JPNA)

- /ô/:

Ex.: “pega oitenta” (GPS)

- /u/:

Ex.: “pela universidade” (ERG)

Hipótese: Concernente a essa variável, levantou-se a hipótese de que a elisão pode ser favorecida quando a vogal /a/ é seguida por outra de traço semelhante, ou seja, as vogais /ó/, /ô/ e /u/¹⁵.

4.2.2.4 Extensão da primeira palavra

Essa variável foi controlada com o intuito de verificar se o processo de elisão é aplicável em qualquer dimensão da palavra.

Esse fator já foi considerado em alguns trabalhos de cunho variacionista, realizados sobre o Português do Brasil (LUCENA, 2001; MARTINS, 2004; SILVA, 2006, para citar alguns) e tem se mostrado relevante nos processos de apagamento de segmentos fonológicos.

De acordo com conceitos funcionalistas, a dimensão dos constituintes pode ser determinada pela atuação do princípio de iconicidade, o qual prediz que uma expressão pode ser reduzida se se tratar de um conceito familiar aos interlocutores (BRAGA, 1994).

Em outras palavras, expressões que contêm uma maior quantidade de informação e/ou importância na mensagem a ser transmitida ao interlocutor, tendem a preservar a sua estrutura

¹⁵ Essas vogais são dorsais e também compartilham o traço [labial].

e utilizar maior quantidade de forma lingüística, ou, ao contrário, podem estar suscetíveis a uma diminuição na quantidade de forma lingüística quando questões como previsibilidade e/ou economia lingüística estiverem presentes na expressão.

Portanto, observou-se para este fator o número de sílabas que as palavras possuem. As palavras podem ser monossílabas (uma sílaba), dissílabas (duas sílabas), trissílabas (três sílabas) e polissílabas (mais de três sílabas).

Sendo assim, essa variável foi classificada como:

- Monossílaba:

Ex.: “pra estudar” (RAM)

- Dissílaba:

Ex.: “pouca idade” (JPNA)

- Trissílaba

Ex.: “daquela história” (SMPS)

- Polissílaba

Ex.: “namorava escondido” (RAM)

Hipótese: Quando se trata da extensão da primeira palavra da seqüência, a hipótese elaborada é a de que o apagamento da vogal /a/ é favorecido em contextos de palavras que apresentam maior número de sílabas, sendo, portanto, inibida a aplicação da elisão, quando a vogal /a/ pertencer a uma palavra monossilábica.

4.2.2.5 Extensão da segunda palavra

Como se trata de casos de junção de palavras, a variável ‘extensão da palavra’ foi organizada de forma que contemplasse tanto a extensão da *primeira* palavra da seqüência, como a extensão da *segunda* palavra da seqüência.

Quando se trata da extensão da segunda palavra da seqüência, os dados também foram divididos em quatro categorias, segundo o número de sílabas que a palavra possui:

- Monossílabo:

Ex.: “agora eu” (GSF)

- Dissílabo:

Ex.: “ainda hoje” (IMS)

- Trissílabo

Ex.: “coisa errada” (IMS)

- Polissílabo

Ex.: “doença incurável” (AFD)

Hipótese: Para essa variável, também se espera que quanto maior for o vocábulo, maior é a probabilidade da vogal /a/ ser apagada e, dessa forma, ocorrer a aplicação do processo de elisão.

4.2.2.6 Tipo de palavra

A consideração dessa variável no grupo de fatores lingüísticos que se relacionam ao fenômeno de elisão tem como objetivo verificar se determinadas categorias morfológicas têm influência sobre o apagamento da vogal /a/.

No campo morfológico, existe a classificação das palavras em três grupos: as formas livres, as formas presas e as formas dependentes. O primeiro grupo compreende as palavras que incorporam significado e podem constituir um enunciado, ao passo que as palavras que compõem o segundo grupo só têm sentido se estiverem ligadas a outras formas. O terceiro grupo diz respeito à forma que não é livre, porque não pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente, mas também não é presa, porque é capaz de mudar de lugar em relação à forma livre a que se liga (CÂMARA Jr., 2006).

Essas formas compreendem o que se entende por ‘vocábulo formal’, que por sua vez, são constituídos de formas mínimas significativas denominadas ‘morfemas’.

Os vocábulos formais são caracterizados segundo critérios mórficos, semânticos ou funcionais. Seguindo esses critérios, as palavras se classificam em: substantivos, artigos, adjetivos, advérbios, pronomes, verbos, preposições e conjunções.

Pode-se, ainda, classificar as palavras da língua portuguesa segundo dois grandes grupos: as palavras lexicais e as palavras funcionais.

Segundo Dubois et al (1973, p. 297) “as palavras funcionais se distinguem dos morfemas lexicais porque são morfemas não-autônomos, que só têm sentido relativamente à estrutura gramatical em que entram”.

Neste trabalho, as palavras que foram enquadradas na categoria funcional são os artigos, os pronomes, as preposições e as conjunções. As demais classes de palavras (substantivo, adjetivo, verbo, advérbio, numeral) foram incluídas na categoria lexical.

A partir das definições de Cook & Newson (1996, p.187), pode-se traçar o seguinte quadro para a caracterização dessas duas categorias de palavras:

Categoria lexical	Categoria funcional
Classe aberta	Classe fechada
Fonologicamente independente	Dependente fonologicamente
Potencialmente acentuada	Geralmente não-acentuada
Pode ter um ou mais complementos	Possui um único complemento, não um argumento
Complemento separável	Complemento não-separável
Conteúdo descritivo	Conteúdo não-descritivo
Relacionada ao mundo ‘real’	Não relacionada ao mundo ‘real’
Não possui traços gramaticais	Possui traços gramaticais
Não ligada a parâmetros	Ligada a parâmetros.

Os dados foram organizados levando em conta as possíveis combinações das palavras em seqüência. Dessa forma, a variável foi controlada como se segue:

- Palavra lexical + palavra lexical
Ex.: “revista especializada” (VDN)
- Palavra lexical + palavra funcional
Ex.: “chegava em” (RAM)

- Palavra funcional + palavra funcional

Ex.: “pra um” (MLS)

- Palavra funcional + palavra lexical

Ex.: “da igreja” (AJM)

Hipótese: Na hipótese elaborada, crê-se que a aplicação do processo de elisão será mais provável de ocorrer quando as palavras envolvidas na junção forem da categoria lexical, sendo, conseqüentemente, inibida quando houver a presença de uma palavra funcional na primeira posição da seqüência.

Feitas essas considerações, o próximo capítulo apresentará a metodologia adotada para a realização deste trabalho.

5 METODOLOGIA

Como já foi dito anteriormente, esta pesquisa fundamenta-se na Sociolinguística Quantitativa e adota os seus critérios metodológicos para o cumprimento dos objetivos determinados.

Uma vez estabelecido o objeto de estudo – a elisão – parte-se para a definição do *corpus* no qual se deterá o trabalho. A investigação do fenômeno debruça-se sobre os fatos concretos da língua, ou seja, o *corpus*, cujo estudo se apóia, consiste numa amostra de fala representativa de um determinado grupo.

A língua falada referida acima, diz respeito ao “veículo lingüístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face”; é o *vernáculo*, isto é, a expressão lingüística de eventos e idéias, sem a preocupação de *como* estão sendo pronunciados (TARALLO, 1990, p. 19).

O *corpus* utilizado pertence ao Projeto de Variação Lingüística do Estado da Paraíba (VALPB), que é composto de dados de fala de sessenta (60) informantes, oriundos da comunidade de João Pessoa/PB. Empregando a técnica de amostra aleatória por área, a seleção dos informantes atendeu seguintes requisitos: i) ser natural de João Pessoa ou morar nessa cidade desde os cinco anos de idade e ii) nunca ter se ausentado de João Pessoa por mais de dois anos consecutivos. Na coleta dos dados, após a aplicação de uma ficha social, fez-se uso da entrevista como instrumento. Os dados resultantes encontram-se transcritos e armazenados eletronicamente.

Dos sessenta informantes, a presente pesquisa restringiu-se a apenas dezoito, devido ao alto número de ocorrências e a presença dos mesmos contextos. Dessa forma, contemplou-se três níveis de escolarização, dos cinco existentes no *corpus*, considerando as três faixas etárias e distribuindo os falantes de acordo com seu sexo.

Assim, os informantes estão estratificados como mostra tabela 1:

INFORMANTES	SEXO	ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO	FAIXA ETÁRIA
AFD ¹⁶	Masculino	Nenhum ano	15-25 anos
JM	Masculino	Nenhum ano	26 e 49 anos
AJM	Masculino	Nenhum ano	Mais de 49 anos
GHSS	Masculino	5 a 8 anos	15-25 anos
JS	Masculino	5 a 8 anos	26 e 49 anos
ERG	Masculino	5 a 8 anos	Mais de 49 anos
FPMF	Masculino	Mais de 11 anos	15-25 anos
RVA	Masculino	Mais de 11 anos	26 e 49 anos
WL	Masculino	Mais de 11 anos	Mais de 49 anos
MLS	Feminino	Nenhum ano	15-25 anos
SMPS	Feminino	Nenhum ano	26 e 49 anos
IMS	Feminino	Nenhum ano	Mais de 49 anos
GSF	Feminino	5 a 8 anos	15-25 anos
RAM	Feminino	5 a 8 anos	26 e 49 anos
GPS	Feminino	5 a 8 anos	Mais de 49 anos
VDN	Feminino	Mais de 11 anos	15-25 anos
JPNA	Feminino	Mais de 11 anos	26 e 49 anos
RCRA	Feminino	Mais de 11 anos	Mais de 49 anos

TABELA 1. Especificação dos informantes

Depois de levantadas todas as ocorrências do fenômeno investigado, os dados foram codificados de acordo com as restrições lingüísticas e extralingüísticas (descritas no capítulo anterior) que podem estar correlacionadas ao processo.

Após esse procedimento, os dados foram submetidos a uma análise quantitativa pelo conjunto de programas computacionais VARBRUL, que permite o tratamento estatístico de dados lingüísticos variáveis.

O conjunto de programas computacionais VARBRUL, implementado por Pintzuk (1988), tem por base um modelo logístico. Ele é constituído por um pacote de programas, cada qual com as suas funções específicas, que segundo Scherre & Naro (2004, p. 159) são as seguintes:

- 1) preparar os dados para serem submetidos a análises diversas (*Checktok* e *Readtok*);
- 2) produzir resultados percentuais os mais diversos, em função dos *infinitos desejos* do pesquisador, incluindo a preparação dos dados para a análise de *pesos relativos* (*Makecell* e *Make3000*);

¹⁶ As letras correspondem às iniciais do nome dos informantes.

- 3) projetar os *pesos relativos* para análises binária (*Ivarb* e *Varb2000*), ternária (*Tvarb*) e eneária (*Mvarb*);
- 4) efetuar tabulação cruzada de duas variáveis independentes previamente estabelecidas (*Crosstab* e *Cross3000*);
- 5) efetuar pesquisa de dados pelas cadeias de codificação (*Tsort*) ou pelos contextos explicitados nos arquivos de dados (*Textsort*), seja para a conferência de dados, seja para a criação de novos arquivos de dados.

O VARBRUL fornece os números relativos ao processo em estudo, a partir dos fatores lingüísticos e sociais elencados para a análise, permitindo que se verifique quais deles contribuem para ocorrência dos fenômenos lingüísticos variáveis. Especificamente ao processo estudado neste trabalho – a *elisão* – que se configura como uma variável binária, valores acima de .50, para o peso relativo, são considerados favorecedores à aplicação da regra e abaixo de .50 são inibidores.

Vale salientar, contudo, que o programa fornece apenas os resultados numéricos. Cabe ao pesquisador compreender esses números do ponto de vista lingüístico, interpretando o comportamento da variável em estudo.

Explicitados os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa, serão expostos, no capítulo seguinte, os resultados obtidos na variação do processo de *elisão* na comunidade pessoense.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

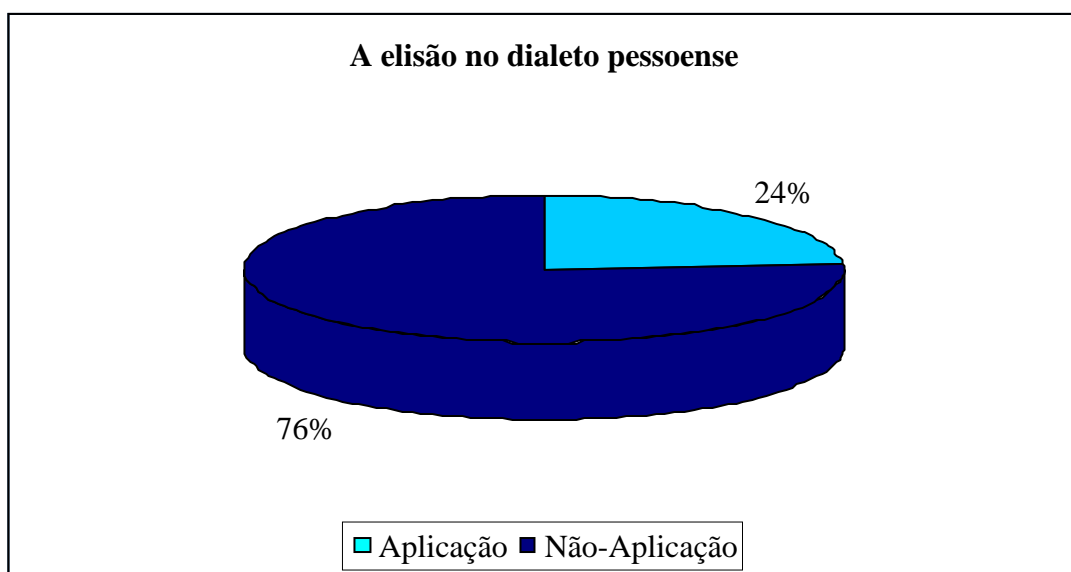
A Sociolinguística trabalha com a noção de que os fatores lingüísticos e extralingüísticos se correlacionam à escolha de uma determinada variante. Este capítulo traz, portanto, os resultados obtidos neste trabalho, considerando os fatores mais relevantes à aplicação da elisão, selecionados pelo programa VARBRUL.

Além dos números revelados pelo programa computacional utilizado para análise, este capítulo traz, também, algumas explicações que podem esclarecer o comportamento da elisão em relação a cada variável independente selecionada.

Como já foi mencionado anteriormente, os dados que serviram para o estudo foram os do VALPB (HORA; PEDROSA, 2001). Considerou-se para a análise, a possibilidade de realização, ou não, da elisão, isto é, o apagamento ou manutenção da vogal baixa /a/.

Foi encontrado um total de 1871 ocorrências, entre as quais se registrou 444 aplicações da elisão e 1427 manutenções do hiato.

Gráfico 1



Observa-se, primeiramente, através da visualização do gráfico 1, que o processo de elisão no dialeto pessoense não é muito produtivo, uma vez que em somente **24%** dos dados submetidos ao tratamento probabilístico, verificou-se a aplicação da elisão.

Dentre os nove fatores apresentados, sendo três de caráter social – sexo, faixa etária e escolaridade – e seis de caráter estrutural – acento, constituintes prosódicos, qualidade da vogal, extensão da primeira palavra da seqüência, extensão da segunda palavra da seqüência e tipo de palavra – o programa selecionou cinco fatores, sendo todos lingüísticos:

- 1) Extensão da primeira palavra
- 2) Acento
- 3) Tipo de palavra
- 4) Constituintes prosódicos
- 5) Qualidade da vogal

Assim, tem-se, na ordem de relevância selecionada pelo VARBRUL (PINTZUK, 1988), a apresentação dos resultados alcançados pelo tratamento probabilístico e as interpretações que foram realizadas considerando o comportamento de cada fator escolhido.

O VARBRUL elegeu a variável **extensão da primeira palavra da seqüência** como a mais influente para a aplicação do processo de elisão.

A fim de verificar se o tamanho da palavra influenciava na aplicação da elisão, controlaram-se os dados em função do número de sílabas da primeira palavra da seqüência (a que, pela regra, perde elemento fonético, devido ao apagamento da vogal /a/).

Na hipótese levantada, acreditava-se que a elisão não se aplicaria em palavras monossilábicas e estaria mais passível de ocorrer em palavras com maior número de sílabas.

Pela visualização da tabela 2, é possível perceber que a hipótese não foi completamente confirmada:

	Total/Aplicação	Porcentagem	Peso relativo
MONOSSÍLABA (ex.: “ num dá não pra ele ir pra Copa não” JM – 2NM)	548/43	8%	.34
DISSÍLABA (ex.: “...brinquei bastante na minha infância...” FPMF-1UM)	864/320	37%	.65
TRISSÍLABA (ex.: “...uma cultura inferior” FPMF-1UM)	341/70	21%	.47
POLISSÍLABA (ex.: “... só namorava escondido” RAM - 2GF)	118/11	9%	.22

TABELA 2. Extensão da primeira palavra

O único contexto favorecedor do apagamento da vogal /a/ é aquele em que a primeira palavra da seqüência é dissílaba (**.65**). Todos os outros valores estão abaixo do ponto neutro e são considerados, portanto, como inibidores na aplicação da elisão.

Quando se trata das palavras monossilábicas, percebe-se que a hipótese foi confirmada, pois com um peso relativo de **.34** vê-se que esse fator não condiciona a aplicação da elisão. Acredita-se que o comportamento dessa variável é determinado por uma questão semântica da língua, que age no bloqueio do apagamento de segmentos lingüísticos que podem interferir na inteligibilidade da expressão. Isso porque a maioria dos contextos encontrados nos dados para esse fator refere-se a formas monomorfemáticas, isto é, a palavras que apresentam morfemas constituídos de um só segmento, como na, da etc. (ex.: **da** igreja; **na** época; **a** ela)¹⁷.

¹⁷ Em análises realizadas anteriormente (MACHADO 2006, 2007), a variável ‘monomorfemas’ foi tratada especificamente com relação à sua combinação com as demais palavras. Semelhante aos números encontrados para as palavras monossilábicas, os resultados para a variável ‘monomorfemas’ mostraram que o único contexto capaz de inibir a aplicação da elisão é aquele em que a palavra é precedida por um monomorfema (ex.: da história), corroborando a explicação dada aqui de que o apagamento só será evitado se o desaparecimento do item (neste caso, a vogal /a/) interferir de maneira negativa na comunicação, no sentido de impedir que se depreenda qual termo foi dito.

Outro contexto monossilábico muito freqüente nos dados, que inibe o apagamento da vogal /a/, diz respeito à forma variável da preposição ‘para’: **pra** (ex.: **pra usina** > ***prusina**; **pra esperar** > ***presperar**)¹⁸.

Sendo assim, o que se pode constatar é que as palavras que possuem uma única sílaba são bloqueadoras da aplicação da elisão, porque uma vez apagado o segmento, não se deixa nenhum vestígio do item antes existente, intervindo, portanto, no entendimento.

Os resultados relacionados às palavras trissílabas e polissílabas, entretanto, refutam a hipótese elaborada, pois os seus valores demonstram que essas variáveis não se relacionam favoravelmente ao apagamento da vogal /a/ (.47 para as palavras trissílabas e .22 para as palavras polissílabas). Observando os dados, verifica-se que esses valores estão correlacionados à presença de um outro fator inibidor da elisão: o acento silábico.

A maioria das ocorrências de palavras de três ou mais sílabas são seguidas de palavras acentuadas, seja acento primário ou secundário. O apagamento da vogal /a/, nesses contextos, geraria um choque de acentos, comportamento não aceitável nas línguas (Cf. TENANI, 2006, 2007).

Ex.:

Acento primário: “naquela **hora** eu tem raiva” – AJM

Acento secundário: “seriam marcada **oportunamente**” – ERG

Embora o acento secundário nas palavras não tenha sido controlado neste trabalho, percebe-se, através da visualização dos dados, que este é um fator estrutural que também pode estar inibindo a aplicação do processo de elisão, assim como as outras proeminências acentuais, que serão explicitadas a seguir.

Uma questão merece ser mencionada ainda: mais de 45% dos dados coletados para elisão é constituído por uma palavra dissílaba na primeira posição da seqüência de palavras. Esse fato, possivelmente, tem alguma relação com valores obtidos para essa variável, como pôde ser visto na tabela 2, no sentido de influenciar o percentual referente a esse contexto.

A segunda variável mais influente para o processo de elisão, segundo o programa computacional VARBRUL, foi o **acento**. De acordo com Bisol (2000a, 2002), uma restrição rítmica norteia a aplicação das regras de elisão, no sentido de que estas tendem a não se

¹⁸ O asterisco (*) indica que a forma não foi possível no dialeto.

aplicar se a segunda vogal for portadora do acento principal. Os resultados apresentados confirmaram a hipótese levantada.

	Total/Aplicação	Porcentagem	Peso relativo
<p>ÁTONA</p> <p>(ex.: “uma pessoa na faixa etária de quarenta...” JNA - 2UF)</p>	1250/399	32%	.69
<p>ACENTO PRIMÁRIO</p> <p>(ex.: “...porque toda essa violência...” JNA - 2UF)</p>	496/44	9%	.25
<p>ACENTO PRINCIPAL</p> <p>(ex.: “...hoje não desfrutam dessas coisas salutareis da minha época” JNA - 2UF)</p>	125/1	1%	.03

TABELA 3. **Acento**

Entende-se por acento principal o acento mais forte de uma seqüência de palavras – é o acento frase – enquanto o acento primário é o acento mais forte de uma palavra (oxítone, paroxítone ou proparoxítone). Vale lembrar, que a vogal baixa /a/, *átona*, é condição para a elisão, portanto, os valores acima se referem ao acento da segunda vogal (V2), na seqüência VV¹⁹.

Como pode ser visto na tabela 3, com uma diferença bastante expressiva, o contexto das vogais átonas favoreceu a aplicação da elisão (**.69**), ao contrário das vogais que portam o acento principal, em que uma única aplicação da elisão foi verificada, para um contexto de 126 ocorrências (**.03**). Nota-se, portanto, que a elisão nesse contexto é praticamente nula. Quanto ao papel do acento primário na aplicação elisão, pode-se ver que ele também funciona como um bloqueador expressivo no apagamento da vogal /a/, com um peso relativo de **.25**.

O português é uma língua de recursividade à direita, ou seja, o valor forte é atribuído ao acento primário mais à direita na seqüência de palavras. Entretanto, o que se observa é que, em uma seqüência VV em que V2 porta o acento principal da frase, a tendência não é

¹⁹ Nos casos em que o acento primário coincidia com o acento principal, optou-se por este último na codificação dos dados.

preservá-la, por ser a mais forte, mas inibir o apagamento de V1 (BISOL, 2002; TENANI, 2002).

Tenani (2007) explica que a razão para o acento frasal inibir o processo de elisão refere-se à necessidade dele preservar a sua proeminência, já que o acento frasal carrega informação de natureza entoacional e, principalmente, de natureza sintática. Neste sentido, a tendência em manter a informação sintática relevante prevalece sobre a tendência da língua em (re)organizar a sua estrutura silábica (neste caso, com a busca pela otimização silábica que consiste no padrão universal CV).

Essa mesma autora também investigou a influência dos choques de acento no bloqueio da elisão no Português do Brasil e no Português Europeu (TENANI, 2002, 2007) e verificou que a aplicação da elisão, em contexto de vogais acentuadas, só é permitida se não resultar em um choque de acentos, ou seja, se entre as sílabas acentuadas houver ao menos uma sílaba átona.

Ex.:

“contra isso não > *contrisso não” – JPNA

“eles contavam com tanta ênfase > *eles contavam com tantênfase” – RCRA

Compreende-se, então, que o hiato é a forma preferida nos contextos em que as vogais carregam qualquer tipo de acentuação, pois o apagamento da vogal implicaria uma reestruturação rítmica, no sentido de uma reordenação dos pés métricos²⁰ da língua, o que não seria bem aceito.

A elisão, portanto, só é permitida quando o apagamento de V1 (/a/) não interfere nas proeminências acentuais da língua, seja em contexto de acento frasal, ou de choque de acentos.

A terceira variável mais influente para o fenômeno de elisão diz respeito ao tipo de palavra envolvido no processo. Bisol (2000a) também controlou essa variável na sua análise e apresenta resultados bastante semelhantes aos encontrados nesta pesquisa.

A hipótese sugerida para esse fator, foi, em geral, confirmada:

²⁰ Um pé consiste em uma seqüência de duas sílabas, uma das quais é forte (acentuada) e a outra fraca (não-acentuada). O acento é, neste sentido, decorrente do pé. Nas palavras de Bisol (2005, p. 246), “entende-se por pé métrico a combinação de duas ou mais sílabas, em que se estabelece uma relação de dominância, de modo que uma delas é o cabeça e a outra ou outras, o recessivo”.

	Total/Aplicação	Porcentagem	Peso relativo
LEXICAL + LEXICAL (ex.: “Você nunca estudou isso” ERG – 3GM)	277/68	25%	.42
LEXICAL + FUNCIONAL (ex.: “colocando empregada em casa” VDN - 1UF)	689/216	31%	.55
FUNCIONAL + FUNCIONAL (ex.: “ pra eu ir pra abertura” IMS - 3NF)	282/62	22%	.71
FUNCIONAL + LEXICAL (ex.: “ na idade que eu tô” IMS - 3NF)	623/98	16%	.38

TABELA 4. Tipo de palavra

A combinação de palavras funcionais revela-se como o contexto mais favorecedor do processo de elisão (**.71**), contrariando, em termos, o que se supunha. Contudo, visualizando os dados, percebe-se que esse contexto é, na sua maioria, caracterizado pela presença de elementos não-acentuados (tais como as preposições para, em, e; os artigos definidos a, o, as, os e os indefinidos um, uma), comportamento que foi visto anteriormente como favorecedor da aplicação da elisão.

Ex.:

“olhava **pra um** canto” > “olhava **prum** canto” – MLS;

“uma **coisa em** vão” > “uma **coisim** vão” – RAM

O outro contexto favorecedor da elisão refere-se à combinação de palavra lexical + palavra funcional, com um peso relativo de **.55**. Compreende-se que nos casos em que a palavra funcional está na segunda posição da seqüência das palavras, quem perde informação fonética é a primeira palavra (com o apagamento do /a/). Dessa forma, o entendimento dos

itens lexicais não fica comprometido, pois, de qualquer forma, a idéia fica preservada na representação final do processo de fala que os envolve²¹.

Quando se trata da combinação de palavra funcional + palavra lexical, percebe-se, pelo exposto na tabela 4, que a aplicação da elisão é bloqueada (. 38), confirmando a hipótese levantada.

Aqui, mais uma vez, pode-se fazer uma correlação com outra variável já explicitada neste trabalho, que é a extensão da primeira palavra. As palavras funcionais encontradas nos dados utilizados para esta análise são, em sua maioria, monossilábicas. Os casos de aplicação da elisão no contexto de palavra funcional seguida de palavra lexical se dão, majoritariamente, em formas dissílabas, que, em geral, são pronominais (ela; minha, essa). Essa constatação corrobora, portanto, a explanação já realizada sobre o comportamento da elisão em função da extensão das palavras envolvidas no processo.

Como última consideração a ser feita sobre essa variável, tem-se a combinação de palavras lexicais. Os valores expostos na tabela 4 demonstram que esse contexto desfavorece a aplicação da elisão (. 42), refutando a hipótese elaborada. Uma explicação possível para esse valor pode estar relacionada à presença de acentos na sílaba seguinte à vogal /a/.

Ex.:

“Eu vou na mesma hora tomar as providências” – SMPS

“Ele era uma criatura ótima” – GPS

Esses resultados confirmam o que já atestava Bisol (1992, 1994, 2000a, 2002), quando revelou que os processos de sândi são norteados, acima de tudo, por uma questão rítmica.

Partindo para o quarto fator lingüístico escolhido pelo programa computacional, tem-se a tabela com os valores referentes aos chamados **constituintes prosódicos**.

²¹ Mesmo que a variável independente ‘extensão da segunda palavra’ não tenha sido selecionada pelo programa VARBRUL como relevante à aplicação das regras de elisão, remeteu-se aos resultados gerais fornecidos pelo programa e observou-se que as palavras monossilábicas (que, em geral, são funcionais) apresentam um percentual elevado em consideração aos outros valores que compõem esse mesmo grupo de fator, o que pode ser interpretado como um fator que não inibe o apagamento da vogal /a/.

	Total/Aplicação	Porcentagem	Peso relativo
GRUPO CLÍTICO (ex.: “...pra sua prova na universidade... ” VDN – 1UF)	851/138	16%	.39
FRASE FONOLÓGICA (ex.: “... nunca houve nada...” ERG – 3GM)	1020/306	30%	.59

TABELA 5. **Constituintes prosódicos**

A hipótese levantada, de que a frase fonológica seria o contexto mais acessível ao processo de elisão, foi confirmada pelos dados. Os resultados mostram que a frase fonológica favorece a aplicação da elisão (**.59**), ao passo que o grupo clítico inibe o apagamento de /a/ (**.39**).

Uma primeira interpretação que se pode fazer a partir desses valores é que o contexto que compreende a frase fonológica representa um ambiente maior de possibilidades de aplicação da regra, se comparado ao outro contexto, pois os clíticos abrangem uma classe pequena dentro da língua.

Outra consideração merece ser feita: é sabido que existe uma identificação entre o que é considerado clítico e os itens monossílabos átonos. Assim, acredita-se que o que também pode estar inibindo a aplicação da elisão é a extensão do vocábulo e não somente o fato de pertencer à categoria grupo clítico na escala prosódica, uma vez que esse fator foi selecionado pelo VARBRUL como a variável mais relevante à aplicação da elisão.

Os números obtidos para essa variável corroboram as inferências dadas por Tenani (2002, 2006), que constatou que os processos de sândi ocorrem em todas as fronteiras prosódicas observadas (frase fonológica, frase entoacional e enunciado – exatamente os domínios prosódicos considerados nesta pesquisa), desde que não haja presença de pausas entre elas.

Por fim, tem-se o fator **qualidade da vogal**. Essa variável permite observar em que contexto vocálico a aplicação da elisão foi mais produtivo. No levantamento das hipóteses deste trabalho, seguiu-se a suposição de Bisol (2000a; 2002) que acreditava ser a elisão favorecida por segmentos que tivessem alguma identificação.

		Total/Aplicação	Porcentagem	Peso relativo
/u/	(ex.: “... tinha um professor de química...” VDN – 1UF)	449/158	35%	.43
/i/	(ex.: “A minha infância foi muito boa” SMPS - 2NF)	550/143	26%	.54
/ó/	(ex.: “... na hora que eu ia dobrando...” SPS - 2NF)	104/6	6%	.33
/ô/	(ex.: “...a escola oferecia vaga...” RCRA - 3UF)	103/5	5%	.29
/ê/	(ex.: “... agora eu vou sair de lá” GSF - 1GF)	366/89	24%	.52
/é/	(ex.: “...na minha casa era só união” GSF - 1GF)	299/43	14%	.63

TABELA 6. Qualidade da vogal

Os resultados não corroboraram o que se suspeitava. Todos os valores estão ou abaixo do ponto neutro, ou em torno dele (exceto o que se refere à vogal /é/). As vogais posteriores /ô/, /ó/ e /u/, que compartilham o traço dorsal com a vogal /a/, propulsora da regra, apresentaram-se como os contextos mais inibidores da aplicação da regra (.29, .33 e .43 respectivamente).

Os resultados mais expressivos referem-se às vogais anteriores /é/ (.62), /ê/ (.52) e /i/ (.54), justamente o contrário do que se supunha.

Retomando a informação sobre o comportamento variável das vogais no dialeto pessoense, Pereira (2004, p. 127-128) diz:

As variantes abertas [é] e [ó] são majoritárias no dialeto pessoense, apesar de haver ocorrência significativa de variantes elevadas [i] e [u] e fechadas [ê] e [ô], que estão sempre subordinados à presença de vogais na sílaba seguinte [...] Na verdade, é o princípio de harmonização vocálica que rege a variação da pauta pretônica no dialeto pessoense.

Diante do exposto, entende-se que o tipo de vogal seguinte à vogal /a/ depende da vogal tônica da palavra a que pertence. Não há uma regularidade nas ocorrências. Sendo assim, acredita-se que os valores referentes a essa variável são determinados pelas ocorrências existentes nos dados, no sentido de que há uma sobreposição de fatores: são, provavelmente, a

relação da qualidade da vogal com outras variáveis mais significativas para o fenômeno que estão interferindo aqui, pois, como pode ser visto na tabela 6, o peso relativo comporta-se de maneira distinta dos valores percentuais.

Enfim, uma vez apresentados os resultados da elisão no dialeto pessoense, será feita, no capítulo subsequente, uma comparação com a pesquisa realizada por Bisol com dados do VARSUL.

7 CONFRONTO COM A PESQUISA DE BISOL

É comum a noção de que no Brasil os dialetos se dividem em dois grandes grupos: os do norte e os do sul, cada um com suas peculiaridades. Nesse contexto, o presente capítulo se propõe a observar em quais pontos os dialetos de João Pessoa-PB e Porto Alegre-RS se identificam ou se afastam, a partir do confronto entre os resultados descritos no capítulo anterior e os de Bisol (2000a, 2002).

Considera-se que é a partir do confronto com outros trabalhos, que se debruçam sobre diferentes variedades da língua, que se torna possível compreender a língua em funcionamento no português do Brasil.

Cada comunidade de fala possui um perfil variacionista particular, mas, através da comparação dos estudos feitos em uma comunidade com os de outra comunidade, podemos ter uma idéia dos universais da variação, ou seja, o(s) elemento(s) ou fator(es) que regem determinado fenômeno variacionista. (HORA, 2004, p. 25)

Estudos sobre a elisão de vogais já foram realizados por alguns pesquisadores, em vários lugares, como foi mencionando na seção 3.1 deste trabalho. No entanto, determinou-se que a comparação seria feita especificamente com a pesquisa empreendida por Bisol (2000^a, 2002) devido à identificação entre a abordagem do objeto de estudo e o modelo teórico-metodológico adotado nas duas pesquisas.

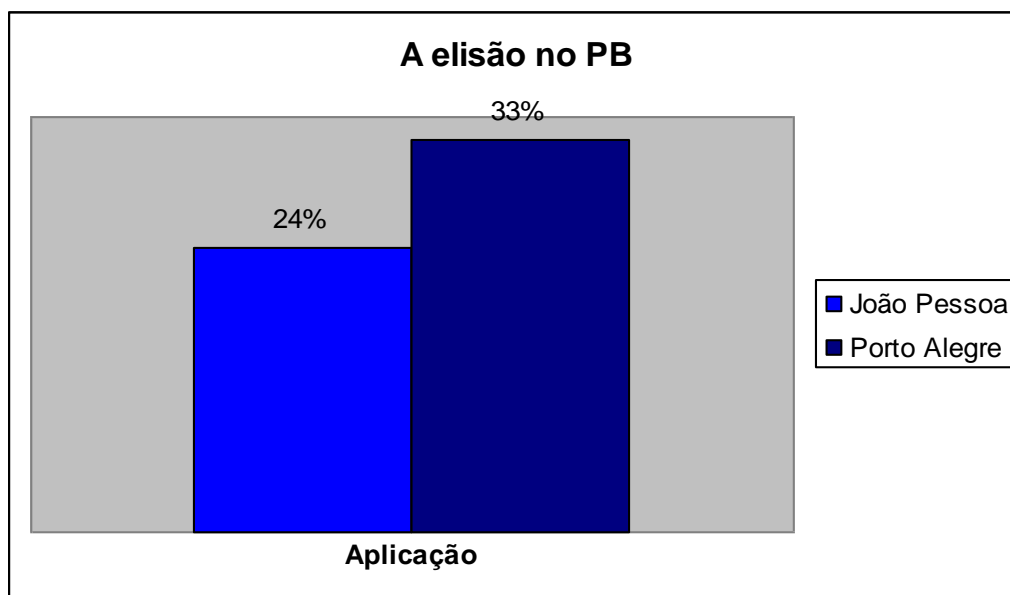
As variáveis que serão confrontadas dizem respeito àquelas que foram selecionadas pelo programa computacional utilizado para a análise estatística dos dados (VARBRUL, PINTZUK, 1988). Tanto em João Pessoa (JPA), como em Porto Alegre (POA), os fatores lingüísticos foram os mais relevantes à aplicação do processo de elisão²².

Os fatores controlados nas duas pesquisas apresentam algumas diferenças na caracterização das variáveis independentes. Sendo assim, a comparação entre os dois dialetos será feita em razão das similaridades de categorização das variáveis abordadas.

Para uma visualização geral do comportamento da elisão no português do Brasil (PB), apresenta-se o gráfico 2.

²² Em Porto Alegre, das três variáveis sociais consideradas, somente a *escolaridade* foi selecionada pelo programa. Esta, portanto, não será tratada aqui, pois somente os fatores contemplados nas duas pesquisas serão abordados. Para uma observação completa dos resultados de POA, confira Bisol (2002).

Gráfico 2



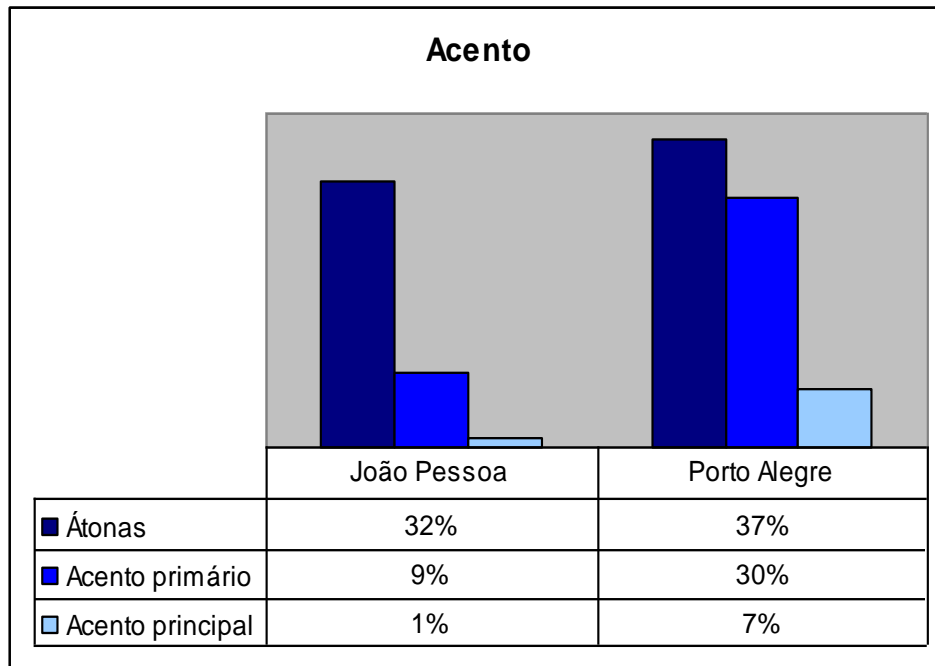
Vê-se que o processo de elisão no Português do Brasil (PB) revela-se de forma muito semelhante. Ambos os dialetos têm uma porcentagem razoável, mas não são muito produtivos.

Em João Pessoa, como pode ser visto no gráfico acima, somente **24%** das ocorrências registrou o apagamento da vogal /a/ (o que corresponde a 444 casos de aplicação para um total de 1871 ocorrências). Porto Alegre apresentou um percentual mais significativo em relação à JPA: **32%** (que diz respeito a 476 elisões para 1447 contextos de aplicação). Todos os valores, entretanto, estiveram abaixo do nível médio de aplicação (50%).

O VARBRUL elegeu como as duas variáveis mais influentes na aplicação da elisão, para ambas as variedades do português, a extensão e a acentuação das palavras, apresentando, apenas, diferença na ordem de relevância dessas variáveis.

Com relação à restrição que considera a acentuação das vogais envolvidas no processo, os valores se apresentam muito semelhantes, como pode ser conferido no gráfico 3:

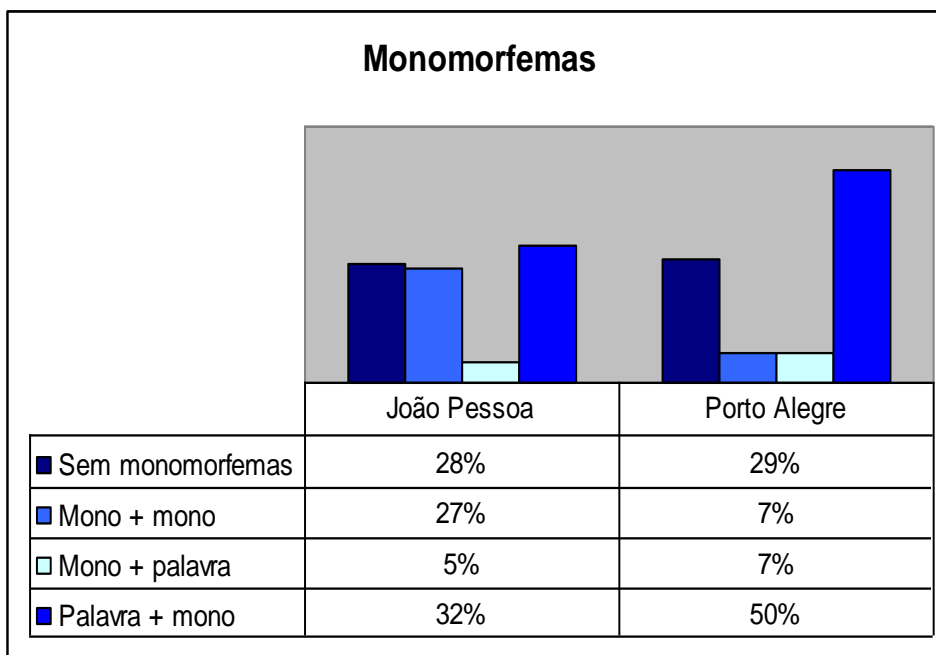
Gráfico 3



O contexto das vogais *átonas* é, sem dúvida, o que favorece a aplicação da elisão (**32%** em JPA e **37%** em POA). O *acento principal* é, por sua vez, o grande bloqueador do processo (**1%** em JPA e **7%** em POA). No que concerne ao acento primário, percebe-se, aqui a primeira diferença entre os dois dialetos: enquanto em João Pessoa o acento primário não favorece a elisão (**9%**), em Porto Alegre esta não parece ser uma restrição que iniba a sua aplicação (**30%**).

A segunda restrição lingüística a ser comparada diz respeito à extensão do vocábulo. Vale ressaltar que essa variável foi tratada de forma diferenciada na pesquisa sobre o dialeto pessoense, pois considerou-se a extensão em função do número de sílabas das palavras. No entanto, em análises já realizadas (MACHADO, 2006, 2007), controlaram-se os dados voltando-se à questão dos monomorfemas, baseando-se na pesquisa de Bisol (2000a, 2002), que observou ser este um fator relevante para a análise da elisão. O gráfico a seguir, mostra os resultados obtidos nos dois dialetos.

Gráfico 4

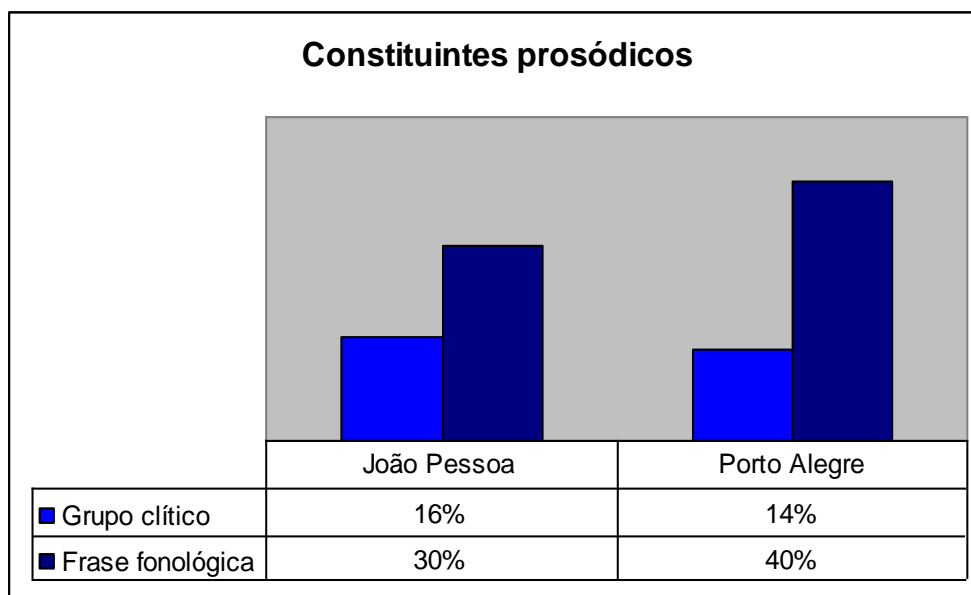


A simples visualização, e comparação, do gráfico acima já sinaliza a grande semelhança entre os dois dialetos. O comportamento da elisão concernente às variáveis levantadas é praticamente equivalente nas duas regiões.

A única diferença notável para esse fator, relaciona-se ao contexto ‘mono+mono’. Enquanto no dialeto pessoense, quando dois monomorfemas estão subseqüentes o apagamento nem sempre é evitado (27%), no sul do país, esse fator mostra ser extremamente inibidor da aplicação (7%).

Quando se trata da variável constituintes prosódicos, os dois dialetos manifestam uma aproximação evidente entre os seus valores, como pode ser conferido no gráfico 5.

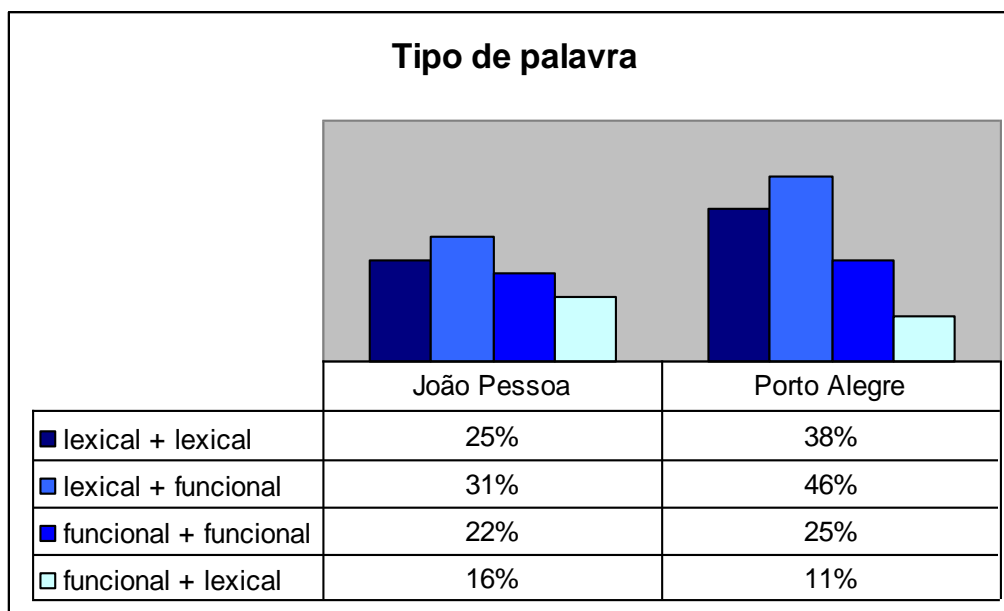
Gráfico 5



A frase fonológica é, de fato, mais favorecedora da aplicação da elisão do que o grupo clítico. Tanto nos dados do VALPB como nos do VARSUL, os percentuais que correspondem ao constituinte mais alto na escala prosódica são bem superiores (30% e 40%, respectivamente).

Quando se trata do tipo de palavra envolvido no processo de elisão, também, nota-se as semelhanças entre os dois dialetos confrontados:

Gráfico 6



Percebe-se que os resultados encontrados por Bisol (2000a) para essa variável são muito próximos aos obtidos neste trabalho. De todas as categorias morfológicas, a única em que o bloqueio da elisão é mais evidente é aquela em que uma palavra funcional é seguida por uma palavra lexical (16% para JPA e 11% para POA). Os contextos restantes não oferecem severas restrições ao apagamento da vogal /a/.

Por fim, tem-se o fator qualidade da vogal. Esse é, afinal, o fator que mostra mais divergências entre os dois dialetos. Essa restrição, entretanto, foi abordada de forma diferente nos dois trabalhos. Bisol (2000a, 2002) controlou o tipo de vogal pelo ponto de articulação e o trabalho aqui descrito considerou a qualidade da vogal. Por isso, os resultados serão expostos em forma de tabela, separadamente, pois não foi possível realizar uma nova rodada de dados que homogeneizasse os critérios de codificação.

Tabela 5 - Qualidade da vogal (João Pessoa)

	Total/Aplicação	Porcentagem	Peso relativo
/u/	449/158	35%	.43
/i/	550/143	26%	.54
/ê/	366/89	24%	.52
/é/	299/43	14%	.63
/ó/	104/6	6%	.33
/ô/	103/5	5%	.29

A hipótese levantada consistia em acreditar que a elisão seria favorecida pelas vogais arredondadas, ou posteriores, o que não foi confirmado nos dados do VALPB. Os resultados de Bisol, entretanto, ratificaram o que se pressupunha.

Tabela 6 – Qualidade da vogal (Porto Alegre)

	Total/Aplicação	Porcentagem	Peso relativo
Frontais	1026/247	24%	.43
Posteriores	562/262	47%	.62

No VARSUL, o contexto mais favorecedor é, de fato, o da vogal posterior. Enquanto nesse dialeto as vogais frontais inibem a aplicação da elisão (**.43**), no dialeto pessoense os maiores valores referem-se a essas vogais (**.63** para /é/, **.52** para /ê/ e **.54** para /i/). Os valores indicam, portanto, que o comportamento da elisão com relação ao tipo de vogal envolvido apresenta-se de forma contrária nos dois dialetos: enquanto em JPA as vogais frontais são as favorecedoras da aplicação da elisão, em POA elas inibem o apagamento do /a/.

Vê-se que a única disparidade encontrada entre os dialetos de João Pessoa e Porto Alegre para a aplicação do fenômeno de elisão refere-se ao comportamento das vogais nesse fenômeno.

Portanto, é possível dizer, a partir do confronto dos resultados obtidos nessas duas regiões, que o fenômeno variável da elisão comporta-se de maneira bastante semelhante nos dois dialetos estudados, o que indica que este processo não está restrito a algumas localidades específicas do país, mas tem um caráter mais abrangente, sendo, provavelmente, observável em todo o território brasileiro, com os mesmos condicionantes lingüísticos e/ou extralingüísticos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de procurar verificar como se dá o fenômeno de **elisão** no dialeto pessoense, considerando o papel que os fatores lingüísticos e extralingüísticos desempenham nesse processo, o presente trabalho traz as seguintes conclusões, obtidas com os resultados.

Das nove restrições que se acreditava estarem correlacionadas ao processo, somente os fatores lingüísticos – extensão da primeira palavra da seqüência, acento, tipo de palavra, constituintes prosódicos, qualidade da vogal – foram selecionados pelo VARBRUL como favorecedores da regra.

Têm-se, então, as seguintes constatações:

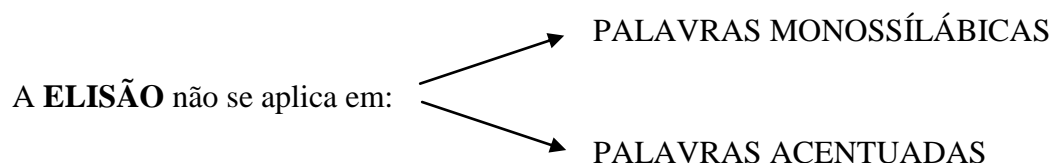
- A extensão da primeira palavra da seqüência e o acento são os dois fatores lingüísticos mais relevantes selecionados pelo programa, corroborando a suposição de que os elementos acentuados e monossilábicos são as principais restrições a impedir o apagamento da vogal /a/.
- Quanto à extensão da palavra, a elisão será impedida se o apagamento da vogal dificultar a compreensão do que está sendo dito ou se o apagamento resultar em um choque de acentos. Neste sentido, a presença de monossílabos na primeira sílaba é o contexto mais inibidor da elisão.
- A elisão não se aplica se a vogal seguinte for portadora do acento principal e tem ocorrência praticamente nula quando sobre V2 incidir o acento primário. Nitidamente, é o contexto das vogais átonas que favorece a sua aplicação.
- A regra de elidir a vogal /a/ está mais passível de ocorrer em contextos mais altos da escala prosódica que não apresente nenhum elemento clítico no constituinte.
- O traço dorsal, comum às vogais /a/, /ó/, /ô/ e /u/ não é favorecedor da elisão.
- A aplicação da elisão não apresenta restrições quanto ao tipo de palavra envolvido no contexto, pois se aplica em qualquer categoria morfológica, desde que não fira as restrições norteadoras das regras de elisão, que é o acento e a extensão da primeira palavra.

Observa-se que os resultados encontrados para a elisão, na comunidade pessoense se relaciona com as constatações já realizadas por outros pesquisadores no Português do Brasil (BISOL, 1992, 1994, 2000a, 2002; MASSINI-CAGLIARI, 2006; PAVEZI, 2005; TENANI, 2002, 2006, 2007). Fatores bloqueadores como monossílabos na primeira sílaba, monomorfemas, sílabas acentuadas, choque de acentos revelam uma semelhança entre as variedades já estudadas, demonstrando que a elisão é um processo fortemente condicionado por fatores lingüísticos.

Sendo assim, a elisão não parece ser um fenômeno lingüístico estigmatizado, nem tampouco, lhe subjaz severos determinantes sociais. Seus processos revelam, muito mais, uma necessidade/tendência da língua em realizar-se por padrões universais regidos pela estrutura interna da língua, que determinam, como se pôde observar, a variedade utilizada.

Neste sentido, compreende-se que a motivação para o processo de elisão relaciona-se diretamente com a questão da estrutura silábica, visto que a língua portuguesa apresenta uma tendência a evitar sílabas sem ataque (COLLISCHON, 2005b). Esse determinante só não se sobrepõe à inteligibilidade da comunicação, pois o apagamento da vogal /a/ é evitado tanto em contextos monossilábicos, como em contextos acentuados, ambos influentes no contexto semântico da língua.

Portanto, na análise realizada com os falantes de João Pessoa, verifica-se que a elisão será aplicada numa fala concatenada, sem a presença de pausas, desde que alguns fatores da língua não façam parte do seu contexto de aplicação. Esses fatores podem ser sintetizados no esquema abaixo:



Em comparação com os dados da pesquisa realizada por Leda Bisol no sul do país, os resultados mostraram que o comportamento da elisão no português do Brasil é praticamente idêntico. Mesmo se tratando de dois dialetos com inúmeras diferenças sociais, econômicas, geográficas, entre outras, foi possível perceber que este processo constitui um fenômeno sem grandes marcas sociais. Essa afirmação pode ser justificada pelo fato de os fatores lingüísticos

terem sido selecionados como os mais relevantes à aplicação da elisão ratificando uma noção de que, mesmo variavelmente, se está sob um sistema lingüístico comum.

Assim, verifica-se que os estudos da Sociolingüística, ou estudos variacionistas, têm dado uma grande contribuição para os estudos da língua portuguesa no Brasil, no sentido de que revelar o verdadeiro comportamento da língua(gem) usada efetivamente pelas pessoas em contexto concreto, permitindo que se abranja a realidade lingüística de determinada sociedade.

Dessa forma, é possível construir um painel da língua portuguesa falada no Brasil, no que concerne às suas características, normas e variedades, abandonando a noção de homogeneidade lingüística e aceitando os falantes com todas as peculiaridades que lhes são inerentes.

Por fim, espera-se ter colaborado para a ampliação dos dados sociolingüísticos do dialeto pessoense, bem como para pesquisas na área.

REFERÊNCIAS

BATTISTI, Elisa; VIEIRA, Maria José Blaskovski. O sistema vocálico do português. In: BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 243-255.

BESERRA, Ana Clarissa Santos. A importância das variáveis sociais na formação do perfil lingüístico do falante pessoense. In: HORA, Dermeval da. **Estudos Sociolingüísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: Pallotti, 2004. p. 259-271.

BISOL, Leda. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. **Cadernos de estudo lingüísticos**. Campinas, n.23, p. 83-101, 1992.

_____. Sândi vocálico externo. In: ILARI, Rodolfo. **Gramática do Português falado**. v. 3. São Paulo: Campinas, 1994. p. 23-38.

_____. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, Maria Helena de Moura. (org). **Gramática do português falado**. v 3. São Paulo: FAPESP, 1999. p. 701-739.

_____. A elisão, uma regra variável. **Letras de hoje**. Porto Alegre, v.35, n.1, p.319-330, 2000a.

_____. O troqueu silábico no sistema fonológico (Um adendo ao artigo de Plínio Barbosa). **DELTA**. São Paulo, v. 16, n. 2, 2000b.

_____. A degeminação e a elisão no VARSUL. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. **Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.231-250.

_____. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005a.

BISOL, Leda. Os constituintes prosódicos. In: _____. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005b. p. 243-255.

BRAGA, Maria Luiza. A dimensão dos constituintes no português do Brasil. **Revista tempo**. v. 1, n. 1, 1994.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. **Caderno de estudos lingüísticos**. Campinas, n.23, p. 137-151, 1992.

CÂMARA Jr, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

CLEMENTS, G. N. & HUME, E. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A. **The Handbook of Phonological Theory**. Cambridge, Mass. Brazil Blackwell, 1995.

COLLISCHON, Gisela. O acento em português. In: BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005a. p. 135-169.

_____. A sílaba em português. In: BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005b. p. 101-133.

_____. Proeminência acentual e estrutura silábica: seus efeitos em fenômenos de português brasileiro. In: ARAÚJO, Gabriel Antunes. (Org.). **O acento em português: abordagens fonológicas**. São Paulo: Parábola, 2007. p.195-223.

COOK, V. J. & NEWSON, M. **Chomsky's Universal Grammar: an introduction**. 2. ed. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

DUBOIS, Jean. et. al. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. **Introdução à Lingüística: fundamentos epistemológicos**. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

HORA, Dermeval da. **A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não-linear**. Tese de Doutorado. PUCRS, Porto Alegre, 1990.

_____. Teoria da variação: trajetória de uma proposta. In: _____. **Estudos Sociolingüísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: Pallotti, 2004. p. 13-28.

HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene L. R. **Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba**. João Pessoa, 2001.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana. **Sociolingüística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

ITÔ, Junko. **Syllable theory in prosodic phonology**. Ph Dissertation. University of Massachusetts, 1988. p. 1-47.

LABOV, William. **The social stratification of English in New York City**. Washington D. C. Center of Applied Linguistics, 1966.

_____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LUCENA, Rubens Marques de. **Comportamento sociolingüístico da preposição ‘para’ na fala da Paraíba**. Dissertação de Mestrado. UFPB, João Pessoa, 2001.

MACHADO, Rafaela Veloso. **A elisão: um estudo variacionista no dialeto pessoense**. In: Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste, 21, 2006, João Pessoa. Anais. João Pessoa: Idéia, 2006.

_____. **A elisão no VALPB**. In: Seminário Nacional sobre Ensino de Língua Materna e Estrangeira e de Literatura, 5, 2007, Campina Grande. Anais. Campina Grande: UFCG, 2007.

MARTINS, Iara F. de Melo. Apagamento da oclusiva dental /d/: perspectivas variacionista e fonológica. In: HORA, Dermeval da. **Estudos Sociolingüísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: Pallotti, 2004. p. 55-82.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **Acento e ritmo**. São Paulo: Contexto, 1992a.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Sobre o lugar do acento de palavra em uma teoria fonológica. **Caderno de estudos lingüísticos**. Campinas, n.23, p. 121-136, 1992b.

_____. **Sândi vocálico externo em Português Arcaico: condicionamentos lingüísticos e usos estilísticos.** 2006. Disponível em: <<http://gel.org.br/4publica-estudos-2006/sistema06/gcm.pdf>> Acesso em: 04 Jun 2007.

MATZENAUER, Carmen Lúcia. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** 4.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005a. p. 11-81.

_____. Modelos fonológicos e avanços teóricos: uma discussão com base no fenômeno de sândi vocálico externo. **Lingua(gem).** v. 2, n. 2, p.149-174, 2005b.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: _____; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2004a. p. 9-14.

_____. Relevância das variáveis não-lingüísticas. In: _____; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2004b, p. 27-31.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. **La prosodia.** Madrid: Visor Distribuciones, 1994.

PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.

PAVEZI, Vanessa Cristina. **Haplologia, elisão e monomorfema.** Estudos lingüísticos. p. 750-755, 2005. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/a-haplologia-na-variedade-644.pdf?SQMSESSID=a38ffc79c82bcbe561e1c641326fd16c>> Acesso em: 04 Jun. 2007.

PEREIRA, Regina Celi Mendes. **As vogais médias pretônicas na fala do pessoense urbano.** Dissertação de Mestrado. UFPB, João Pessoa. 1997.

_____. A harmonização vocálica e a variação das médias pretônicas. In: HORA, Dermeval da. **Estudos Sociolingüísticos: perfil de uma comunidade.** João Pessoa: Pallotti, 2004. p. 111-128.

PINTZUK, Suzan. **VARBRUL programs,** 1988.

SCHERRE, Marta. **Reanálise da concordância nominal em português**. Tese de doutorado. UFRJ. Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 147-177.

SILVA, Giselle Machline de O. e.; PAIVA, Maria da Conceição A. de. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: SILVA, Giselle Machline de O. e.; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Padrões Sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1990.

TENANI, Luciani Ester. **Domínios prosódicos no português do Brasil**: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. Tese (Doutorado em Linguística). IEL, UNICAMP, Campinas, 2002.

_____. Domínios prosódicos no Português Brasileiro: evidências rítmica, entoacional e segmental. **Estudos Linguísticos**. v. 35, p. 118-131, 2006. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/4publica-estudos-2006/sistema06/lt.pdf>> Acesso em: 02 Ago. 2007.

_____. Acento e processos de sândi vocálico no português. In: ARAÚJO, Gabriel Antunes. (Org.). **O acento em português**: abordagens fonológicas. São Paulo: Parábola, 2007. p. 169-194.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 51-57.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.